



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS DO PONTAL
CURSO DE GRADUAÇÃO EM QUÍMICA



CILIANA APARECIDA BALDUINO FERREIRA

O maternar e a formação de professores/as de Química

Ituiutaba
2024

CILIANA APARECIDA BALDUINO FERREIRA

Monografia de Conclusão de Curso apresentada à
Comissão Avaliadora como parte das exigências
do Curso de Graduação em Química: Licenciatura
do Instituto de Ciências Exatas e Naturais do
Pontal da Universidade Federal de Uberlândia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Fernanda Monteiro Rigue

Ituiutaba, 2024



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
 Instituto de Ciências Exatas e Naturais do Pontal
 Rua Vinte, 1600 - Bairro Tupã, Ituiutaba-MG, CEP 38304-402
 Telefone: (34)3271-5248 -



ATA DE DEFESA - GRADUAÇÃO

Curso de Graduação em:	103027 LN - Curso de Graduação em Química Grau Licenciatura		
Defesa de:	GQ108 Trabalho de Conclusão de Curso		
Data:	31/10/2024	Hora de início:	15:30h00min
		Hora de encerramento:	17:45 min
Matrícula do Discente:	21911QMI233		
Nome do Discente:	Ciliana Aparecida Balduino Ferreira		
Título do Trabalho:	O maternar e a formação de professores/as de Química		

A carga horária curricular foi cumprida integralmente? Sim Não

Ao trigésimo primeiro dia do mês de outubro do ano de 2024 foi realizada a avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso da discente Ciliana Aparecida Balduino Ferreira, sob matrícula 21911QMI233, do Curso de Graduação em Química, Grau Licenciatura, no componente curricular GQ108 Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado: "O maternar e a formação de professores/as de Química".

Reuniu-se no Laboratório Interdisciplinar de Formação de Educadores - LIFE (Sala 208 Bloco D, no Campus Pontal da Universidade Federal de Uberlândia em Ituiutaba – MG, os membros da Comissão Avaliadora, assim composta: Profª Drª Maria Aparecida Augusto Satto Vilela (ICHPO-UFU/Pontal), Profª Drª Natália Batista Peçanha (ICHPO-UFU/Pontal) e Profª Drª Fernanda Monteiro Rigue (UFU), orientadora da estudante.

Iniciando os trabalhos, a presidente da mesa, Profª Drª Fernanda Monteiro Rigue, apresentou a Comissão Avaliadora e a estudante, agradeceu a presença do público e concedeu à estudante a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação da estudante e o tempo de arguição e resposta foram realizados conforme as normativas do curso de Química.

A seguir a senhora presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos avaliadores, que passaram a arguir a estudante. Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a comissão, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando a estudante:

(X) Aprovada Nota [100]

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e aprovada foi assinada pelos membros da Comissão Avaliadora.



Documento assinado eletronicamente por **Natália Batista Peçanha, Professor(a) do Magistério Superior**, em 31/10/2024, às 17:51, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Maria Aparecida Augusto Satto Vilela, Professor(a) do Magistério Superior**, em 31/10/2024, às 17:51, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Fernanda Monteiro Rigue, Professor(a) do Magistério Superior**, em 31/10/2024, às 17:52, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5818121** e o código CRC **676E1FFF**.

DEDICATÓRIA

Dedico este Trabalho de Conclusão de Curso a duas pessoas especiais que estiveram ao meu lado, apoiando e incentivando meu crescimento acadêmico e pessoal:

Ao meu esposo, Geraldo Batista de Araújo Filho, por ser minha rocha, meu companheiro incansável e meu maior incentivador. Para alcançar este objetivo, você foi fundamental para mim. Cada conquista nossa é uma vitória compartilhada.

À nossa querida filha, Nayane Balduino Ferreira de Araújo, que é a luz dos nossos dias e a razão dos nossos esforços. Sua presença trouxe ainda mais significado e motivação para todas as etapas dessa trajetória acadêmica.

Este projeto é dedicado a vocês com todo o meu carinho e gratidão.

AGRADECIMENTOS

A realização deste Trabalho de Conclusão de Curso representa o final de uma longa jornada acadêmica significativa, marcada por desafios, aprendizados e conquistas. Desejo expressar minha gratidão a todos aqueles que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste trabalho.

Agradeço a Deus por me dar saúde, força e determinação para seguir em frente, mesmo diante das adversidades.

Agradeço a minha família, especialmente ao meu esposo Geraldo Batista de Araújo Filho, por seu carinho, apoio constante e por acreditar em meu potencial. Você é a minha base e a minha vontade de triunfar. Agradeço à minha filha Nayane Balduino Ferreira de Araújo pelo suporte e compreensão durante todo o processo. Peço desculpas pelas vezes que me ausentei, pelo simples motivo de buscar conhecimento.

Aos meus amigos/as e colegas de curso que compartilharam momentos de felicidade e desafios comigo. Agradeço, sobretudo, a Thalia Amanda e Vanessa Vaz, pela parceria, amizade e pelas discussões relevantes. Sem esse apoio, a caminhada seria ainda mais difícil.

A minha orientadora, Professora Fernanda Monteiro Rigue, pela orientação, paciência e dedicação. As sugestões e reflexões foram cruciais para o progresso deste trabalho. Agradeço pelo conhecimento compartilhado e pela confiança depositada em mim.

A todos os professores e professoras do curso de Química que, ao longo dos anos, contribuíram para minha formação acadêmica e pessoal. Cada disciplina, orientação e estímulo foram cruciais para a minha trajetória.

Agradeço também aos/as funcionários/as e colaboradores/as da Universidade Federal de Uberlândia, que sempre foram prontamente disponíveis e dispostos a ajudar em qualquer circunstância.

Por último, expresso minha gratidão a todos/as aqueles/as que, de forma direta ou indireta, contribuíram para a realização deste trabalho. Agradeço pelo afeto, apoio e incentivo que tive durante essa jornada.

Este trabalho é fruto de um esforço conjunto, e a todos/as os/as que participaram dessa jornada, deixo meus mais sinceros agradecimentos.

EPÍGRAFE

Meu corpo é às vezes meu, uma vez que ele porta os traços de uma história que me é própria, de uma sensibilidade que é minha, mas ele contém, também, uma dimensão que me escapa radicalmente e que o reenvia ao simbolismo de minha sociedade (Artaud, 2004, p. 43).

RESUMO

Esta monografia tem como propósito criar histórias (Haraway, 2023) que explorem a intersecção entre maternidade e formação inicial docente, contribuindo para as discussões contemporâneas sobre equidade de gênero no ensino superior. De abordagem qualitativa, o estudo fabula especulativamente, em um exercício de escrevivência (Evaristo, 2020), o impacto da maternidade na jornada acadêmica de estudantes vinculados/as ao curso de Licenciatura em Química, e como essas mulheres elaboram modos de habitar o território acadêmico. As histórias exploram diferentes situações e desafios enfrentados por mulheres-mães no ambiente acadêmico, que tensionam os variados aspectos de suas experiências: 4.1: A descoberta da gravidez e a evasão escolar; 4.2: Evadi: e agora?; 4.3: A rede de apoio; 4.4: Entre desistências e matrículas; 4.5: O suporte na Universidade; 4.6: Vivências na Universidade como mãe; 4.7: Tempo fora da escola e comprometimento como mãe; 4.8: Mulheres mães e determinação acadêmica; 4.9: O maternar e suas tonalidades. A maternidade é uma experiência que traz mudanças e desafios, principalmente quando aliada à busca por formação superior, trabalho remunerado e afazeres domésticos, resultando na conhecida jornada tripla. Esse cenário, atrelado a suma sociedade patriarcal, impacta de forma significativa as mulheres-mães que optam por prosseguir seus estudos enquanto cuidam dos filhos/as e mantêm suas obrigações profissionais e/ou domésticas. Emerge do estudo a urgência de atentar para a experiência de mulheres-mães na formação docente, com vistas a superar os múltiplos obstáculos enfrentados e elaborar estratégias para superá-los. Ademais, o estudo sinaliza a importância de políticas públicas educacionais destinadas às mulheres que são mães, a necessidade de construir e consolidar uma rede de apoio forte e a importância de ambientes acadêmicos mais equânimes e justos, calcados na potência da coletividade. Por fim, o estudo sugere a implementação de ações institucionais e coletivas que respeitem, valorizem e apoiem a maternidade, buscando um ambiente acadêmico mais acolhedor, possibilitando que todas as mulheres alcancem seu pleno potencial.

Palavras-chave: Maternar; Histórias; Patriarcado; Formação de professores/as de Química.

RESUMEN

Esta monografía tiene como objetivo crear historias (Haraway, 2023) que exploren la intersección entre la maternidad y la formación inicial docente, contribuyendo a las discusiones contemporáneas sobre la equidad de género en la educación superior. Con un enfoque cualitativo, el estudio fabula especulativamente, en un ejercicio de escritura (Evaristo, 2020), el impacto de la maternidad en el recorrido académico de los estudiantes vinculados a la Licenciatura en Química, y cómo estas mujeres desarrollan formas de habitar el territorio académico. Los relatos exploran diferentes situaciones y desafíos enfrentados por las mujeres-madres en el ambiente académico, que enfatizan los diversos aspectos de sus experiencias: 4.1: El descubrimiento del embarazo y la deserción escolar; 4.2: Evadi: ¿y ahora qué?; 4.3: La red de apoyo; 4.4: Entre abandonos y matriculaciones; 4.5: Apoyo en la Universidad; 4.6: Experiencias en la Universidad como madre; 4.7: Tiempo fuera de la escuela y compromiso como madre; 4.8: Mujeres madres y determinación académica; 4.9: La maternidad y sus tonalidades. La maternidad es una experiencia que trae cambios y desafíos, especialmente cuando se combina con la búsqueda de educación superior, trabajo remunerado y tareas domésticas, dando como resultado el conocido triple viaje. Este escenario, ligado a una sociedad extremadamente patriarcal, impacta significativamente a las mujeres-madres que optan por continuar sus estudios mientras cuidan de sus hijos y mantienen sus obligaciones profesionales y/o domésticas. El estudio surge de la urgencia de prestar atención a la experiencia de las mujeres-madres en la formación docente, con miras a superar los múltiples obstáculos enfrentados y desarrollar estrategias para superarlos. Además, el estudio destaca la importancia de las políticas públicas educativas dirigidas a las mujeres que son madres, la necesidad de construir y consolidar una fuerte red de apoyo y la importancia de entornos académicos más equitativos y justos, basados en el poder del colectivo. Finalmente, el estudio sugiere la implementación de acciones institucionales y colectivas que respeten, valoren y apoyen la maternidad, buscando un ambiente académico más acogedor, que permita a todas las mujeres alcanzar su máximo potencial.

Palabras clave: Maternidad; Historias; Patriarcado; Formación de profesores de Química.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Depoimentos relatados no PiS.....	23
Figura 2: Caminhos tecidos	41
Figura 3: Fios que entrelaçam e seus desdobramentos	52

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	12
2. INSPIRAÇÕES TEÓRICAS.....	15
2.1 Maternidade e o ambiente universitário.....	15
2.2 O patriarcado e as Universidades.....	25
2.3 Formação de professores/as de Química.....	30
3. PERCURSO METODOLÓGICO.....	37
4. ESTÓRIAS.....	41
4.1 A descoberta da gravidez e a evasão escolar.....	42
4.2 Evadi: e agora?.....	42
4.3 A rede de apoio.....	44
4.4 Entre desistências e matrículas.....	45
4.5 O suporte na Universidade.....	46
4.6 Vivências na Universidade como mãe.....	48
4.7 Tempo fora da escola e comprometimento como mãe.....	49
4.8 Mulheres mães e determinação acadêmica.....	50
4.9 O maternar e suas tonalidades.....	51
5. TECENDO CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	53
6. REFERÊNCIAS.....	56

1-INTRODUÇÃO

A maternidade é uma experiência transformadora e desafiadora, que traz consigo uma série de responsabilidades e demandas para as mulheres. No campo discursivo, não é diferente, segundo Maria Simone Schwengber e Dagmar Meyer (2011):

Ser mãe envolve, contemporaneamente, uma discursividade cada vez mais complexa que é amplamente produzida e divulgada em diversos artefatos da cultura, como poemas, canções, romances literários, filmes, novelas, documentários e também diferentes ciências, mídias e propagandas. Por estarem inseridas nesses discursos e deles serem sujeitos, muitas mulheres começam a ter acesso às aprendizagens muito tempo antes de pensarem na possibilidade de virem a tornar-se mães (p. 285).

Em se tratando da cultura do ocidente, as autoras ainda apontam que ser mãe diz respeito a uma etapa da vida feminina “[...] que envolve a gestação, o parto e a lactação e também para cuidados anteriores e posteriores ao parto; estes últimos constituem um conjunto de ações de longo prazo, dentre as quais se destaca a maternagem (...)” (Schwengber; Meyer, p. 285). Quando combinada com a busca pela educação superior, com o trabalho remunerado e com as tarefas domésticas, a maternidade para os corpos femininos resulta em uma realidade conhecida como ‘jornada tripla’. Esse fenômeno afeta significativamente as mulheres que decidem continuar seus estudos enquanto criam seus filhos e/ou filhas e mantêm suas atividades profissionais e/ou domésticas.

Nesse viés, a maternidade e a vida acadêmica frequentemente são vistas como esferas distintas, opostas e, muitas vezes, incompatíveis, especialmente em cursos desafiadores como aqueles vinculados às Ciências da Natureza (Química, Física e Ciências Biológicas). No entanto, inúmeras mulheres conciliam essas três jornadas, enfrentando obstáculos únicos e desenvolvendo estratégias de tensionamento, adequação e/ou superação.

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), apresentado ao Curso Superior de Licenciatura em Química da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) Campus Pontal, tem como objetivo geral criar histórias (Haraway, 2023) que explorem a intersecção¹ entre maternidade e formação inicial docente, considerando-as como relevantes para os debates contemporâneos que buscam equidade de gênero envolvendo os processos habitados por mães no contexto universitário. Da mesma forma, tem como objetivo específico dimensionar, por meio de fundamentação teórica, como a maternidade impacta a trajetória acadêmica de

¹ É o termo utilizado para explicar a complexa interação entre diferentes linhas e elementos, que são atravessados permanentemente. No campo dos estudos das diferenças, é possível pensar o termo, por exemplo, em que os indivíduos não são definidos por apenas uma única característica (como gênero, etnia ou classe social), mas sim por uma combinação de diversas características que, juntas, influenciam suas vivências sociais (Santana; Pereira, 2021).

estudantes, ao mesmo tempo em que busca dar relevo às dificuldades específicas e às distintas estratégias criadas por elas com vistas a conciliar o maternar com os estudos universitários. Sob essa perspectiva, o problema de pesquisa se interessa em compreender de que maneira as mulheres que exercem a maternidade e conjuntamente são estudantes do curso de Licenciatura de Química enfrentam obstáculos que envolvem questões relacionadas ao gênero, à maternidade e ao ambiente acadêmico, proporcionando uma visão mais ampla sobre os múltiplos desafios e as táticas de enfrentamento que essas mulheres elaboram.

O interesse por este tema surge a partir das diferentes vivências que tive durante a estada no curso superior de Licenciatura em Química. O tempo sempre foi meu maior inimigo. Entre aulas, estudos, trabalho e cuidar da minha filha, parecia que nunca havia horas suficientes no meu dia. Sentia-me culpada por não passar tanto tempo com ela quanto gostaria e sempre existia a preocupação de estar perdendo momentos importantes da vida dela.

A rotina intensiva do curso de Química, com laboratórios, planos de aula, longas listas de exercícios e estudos teóricos, exige um alto nível de dedicação. Para mulheres-mães, isso significa equilibrar essas demandas acadêmicas com as necessidades de seus filhos e/ou filhas. Isto, muitas vezes, leva à exaustão e afeta o desempenho acadêmico. Além disso, a falta de uma rede de apoio sólida pode tornar o processo mais desafiador.

Diante do exposto, este TCC insere-se em uma discussão mais ampla sobre a necessidade de ficarmos com o problema² (Haraway, 2023) que diz da invisibilização dos corpos e vidas das mulheres-mães no ensino superior. Tal movimento visa a promoção de um ambiente acadêmico mais equânime, menos demarcado/afetado/delineado pelo sistema patriarcal³. Este trabalho não apenas se interessa pelo tensionamento da necessidade de silenciar situações de estudantes-mães na Universidade, mas também aponta para a importância de um agenciamento coletivo que pense, reconheça e haja para o desenvolvimento de práticas (institucionais e pessoais) que respeitem e acolham o maternar.

Para tanto, o texto encontra-se estruturado em quatro seções fundamentais, a saber: a) ‘Inspirações Teóricas’, espaço em que serão discutidos os temas centrais da pesquisa, como maternidade e o ambiente universitário, o patriarcado e as Universidades e a formação de professores/as de Química; b) ‘Percurso metodológico’ em que será apresentada a fabulação científica e ficcional como elementos para produção de histórias (Haraway, 2023) envolvendo a maternidade na formação docente; c) Em ‘Estórias’, serão apresentadas histórias que vão além

² Para Haraway (2023) ficar com o problema significa aprender a se fazer verdadeiramente presente, se envolver.

³ Na fundamentação teórica a temática será desenvolvida com intensidade.

da ficção, abordando os desafios enfrentados por diferentes mulheres que são mães e frequentam o ambiente acadêmico; d) Por fim, na seção ‘Tecendo Considerações finais’ serão apresentadas algumas reflexões baseadas no movimento de pesquisa empreendido, com tensionamentos sobre as perspectivas do estudo para a prática acadêmica e oportunidades para futuras pesquisas.

2 - INSPIRAÇÕES TEÓRICAS

2.1-Maternidade e o ambiente universitário

A Organização Mundial da Saúde (OMS) define a maternidade de forma abrangente, incluindo não apenas o ato de dar à luz, mas também todo o cuidado e suporte necessários para assegurar a saúde física e mental da mãe e do/a recém-nascido/a. Nesse tom, o maternar pode se dar de diferentes formas e nuances, considerando as múltiplas relações culturais, étnicas, socioeconômicas, entre outras variáveis que estão nesse entorno.

Anshu Banerjee, diretor do Setor de Saúde Materna, Neonatal, Infantil, Adolescente e Envelhecimento da OMS, ressalta que a maternidade vai além do parto, envolvendo todo o processo de ajuste e cuidado contínuo. É crucial atender de maneira integral e sustentável as necessidades das mães e dos/as bebês para promover a saúde e o bem-estar de ambos/as. A ausência de apoio adequado pode acarretar desafios significativos para as mães, impactando não só a própria saúde, mas também o desenvolvimento de seus filhos (OMS, 2022).

A fala de Anshu Banerjee (OMS, 2022) sublinha ainda que as alterações nos horários, as solicitações contínuas de atenção ao/a bebê recém-nascido/a e a inserção às novas obrigações podem ser avassaladoras, especialmente para as mães que frequentemente lidam com pressões extras e expectativas da sociedade.

A experiência de ser mãe é composta por diversas etapas que são únicas e subjetivas, cada uma marcada por transformações físicas e hormonais importantes. Durante as primeiras semanas de gestação, há a produção da Gonadotrofina Coriônica Humana (HCG), que tem a função de manter o corpo lúteo e estimular a produção de progesterona e estrogênio (Silva, 2018). Durante os primeiros três meses, a progesterona e o estrogênio se elevam, ocasionando transformações no organismo materno, como o aumento da quantidade de sangue e modificações na função dos rins.

Durante o segundo trimestre da gestação, o estrogênio e a progesterona seguem sendo sintetizados em quantidades significativas, estimulando o desenvolvimento e a vitalidade da placenta. Adicionalmente, entra em cena o Lactogênio Placentário Humano (HPL), que colabora na preparação das glândulas mamárias para a lactação e no controle do metabolismo da glicose (Silva, 2018).

No terceiro trimestre, o nível máximo de estrogênio é atingido, estimulando o crescimento do útero e da mama. A progesterona mantém o útero relaxado, impedindo contrações prematuras. Conforme Silva (2018), no final da gravidez, o nível de cortisol

aumenta, preparando o feto para a vida fora do útero e auxiliando na formação dos pulmões fetais.

Estudo realizado por Lorena Silva (2018) ressalta os efeitos fisiológicos dos níveis elevados de estrogênio e progesterona e a importância de entender como as variações hormonais afetam o corpo feminino durante a gestação:

[...] altos níveis de estrogênio podem causar a retenção de líquido; o aumento desse hormônio pode também propiciar a ocorrência de náuseas e o relaxamento das articulações. (...) o aumento de progesterona faz com que muitas mulheres se sintam cansadas e apresentem: redução do tônus do músculo liso; aumento de temperatura, desenvolvimento das células alveolar e glândular produtoras de leite; depósito de gordura aumentado (p. 26).

Quando a mulher entra em trabalho de parto, a ocitocina estimula as contrações uterinas e promove o vínculo mãe-filho/a depois do nascimento. Durante o parto, as prostaglandinas aumentam a frequência das contrações e ajudam a dilatar o colo do útero. As endorfinas, hormônio natural de alívio da dor, são produzidas pelo corpo durante o parto.

Segundo Lucas Vieira e Géssica Martins (2018), no período pós-parto e na amamentação, os hormônios prolactina e ocitocina são produzidos. Enquanto a prolactina estimula a produção de leite nas glândulas mamárias, a ocitocina continua a estimular a secreção de leite durante a amamentação. Os níveis de progesterona e estrogênio caem drasticamente depois do parto, permitindo que a prolactina e a ocitocina atuem sem interferências.

[...] a prolactina alcança as células dos alvéolos mamários, via sanguínea, estimulando a produção láctea. O colostro, primeiro leite secretado após o parto pela glândula mamária, é constituído de proteínas, gordura, açúcar, sais minerais e água (p. 3). (...) A ocitocina se considera o hormônio da ejeção do leite, requisito básico para a lactogênese. Além disso, é considerado como hormônio galactopoético (Vieira; Martins, 2018, p. 04).

Nesse âmbito, os hormônios têm um papel crucial durante e depois da gestação, afetando tanto aspectos físicos quanto emocionais da maternidade. Compreender essas alterações hormonais e seus efeitos é essencial para compreender e, se preciso, oferecer o suporte adequado às mulheres durante a gravidez e no período pós-parto, promovendo uma transição mais saudável para a maternidade. Esses hormônios podem afetar a mulher na dimensão subjetiva, podendo causar mudanças no humor, ansiedade e outros sintomas emocionais devido às suas flutuações.

Da mesma forma, é importante considerar o ciclo menstrual, que, como aponta Elsimar Coutinho (1996), também afeta a vida das mulheres de maneira significativa - que atravessa e diz respeito às modulações dos corpos femininos, e, de certa forma, tem sido elemento para propagação de preconceitos em relação às atitudes e às escolhas de mulheres - com vistas a

desqualificá-las enquanto seres. Essas situações demonstram preconceitos de gênero que podem restringir a percepção plural de que as mulheres são seres individuais e multifacetados, frequentemente reforçando conceitos de que seus sentimentos e atitudes são influenciados pelo corpo de uma forma que os homens não vivenciam - estereotipando suas vidas. Outrossim, a menstruação é considerada um ciclo que caracteriza a existência reprodutiva das mulheres e de todos os seres humanos e, com isso, é muitas vezes ligada à concepção de um ritmo natural que proporciona às mulheres uma relação especial com o meio ambiente e com o tempo. Essa periodicidade tem sido empregada para estabelecer uma diferença entre mulheres e homens (dentro do dualismo), não apenas fisicamente, mas também no que diz respeito à maneira como esses grupos são vistos e tratados cultural e socialmente (Coutinho, 1996).

Através do estudo de Coutinho (1996), é possível identificar as diferentes formas como a menstruação é abordada e interpretada em distintas culturas e períodos históricos, e de que forma essas perspectivas impactam na vida das mulheres. O autor levanta a hipótese de que, em um 'passado remoto' (Coutinho, 1996), as mulheres tinham menor frequência de menstruação devido à gravidez e à amamentação seguidas. Coutinho (1996) aponta que a menstruação era algo raro, ocorrendo apenas em situações específicas, como quando homens e mulheres férteis viviam separados. Essa teoria questiona a concepção atual de que a menstruação regular é um padrão biológico constante ao longo da vida reprodutiva das mulheres. Além disso, ao caracterizar a menstruação como uma 'herança cultural' o autor destaca que nosso entendimento desse processo é, em grande parte, moldado por contextos culturais, históricos e econômicos, e não apenas por fatores biológicos (Coutinho, 1996).

A ideia de que a menstruação é o que determina a diferença entre homens e mulheres pode ser questionada por reforçar ideias simplistas e fixas sobre os corpos femininos. As experiências, os comportamentos, os sentimentos e os pensamentos dos corpos femininos são atravessados por uma diversidade de influências, que vão desde questões culturais e sociais até educacionais e pessoais. Portanto, rotulá-los é um grande e limitador problema.

De maneira similar, ao analisar a combinação entre maternidade e vida acadêmica, percebem-se desafios exclusivos que vão além de uma visão restrita à biologia ou à essência feminina. A maternidade no contexto universitário evidencia como vários fatores, expectativas culturais e pressões sociais impactam profundamente a vida acadêmica e pessoal das mulheres-mães-estudantes. Mesmo com o avanço da presença feminina no ensino superior (Meneghel, 2019), a maternidade sem a atenção devida ainda pode influenciar de forma negativa o desempenho acadêmico e a permanência dessas mulheres-mães na Universidade. Entender os

aspectos que envolvem a dualidade entre maternidade e o meio universitário é crucial para criar soluções eficazes que equalizem essa jornada.

A falta de políticas públicas educacionais voltadas para mulheres-mães, como bolsas de pesquisas e auxílios estudantis financeiros específicos para este público, ou cotas nos editais de assistência estudantil, assim como o baixo número de vagas em creches municipais ou inexistência de creches universitárias e brinquedotecas nestes espaços, são alguns dos fatores determinantes para a exclusão de mulheres que são mães, das Universidades (Santos, 2023, p. 38).

Seguindo o pensamento de Luana Santos (2023), a ausência de políticas educacionais direcionadas às mulheres-mães resulta em obstáculos significativos que impedem o acesso e a permanência dessas mulheres no âmbito do ensino superior. No caso da UFU Campus do Pontal, existe um espaço de recreação para crianças, uma brinquedoteca. Contudo, essa fica localizada no terceiro andar do Bloco C e não possui monitoria em todos os turnos, o que dificulta o acesso e permanência das crianças. Um outro ponto importante é que a instituição não conta com creche, o que é um desafio para estudantes-mães.

Sem bolsas de estudo e auxílios financeiros específicos, às mulheres-mães enfrentam múltiplas dificuldades financeiras adicionais, o que torna ainda mais difícil conciliar as obrigações acadêmicas e familiares. Além disso, a insuficiência de cotas/auxílios – além de um valor minimamente suficiente para subsistência - nos editais de assistência estudantil, a carência de vagas em creches municipais e a ausência de creches universitárias são grandes obstáculos. Muitas mães não conseguem frequentar as aulas e/ou se dedicar adequadamente aos estudos por não terem onde deixar seus filhos/filhas em segurança. Creches universitárias e brinquedotecas nas instituições de ensino seriam soluções práticas e eficazes, proporcionando um ambiente seguro para as crianças enquanto suas mães frequentam os espaços de sala de aula e estudam.

A exclusão de mulheres que são mães das Universidades não é apenas uma questão de investimento financeiro, mas também de infraestrutura e apoio (no sentido amplo) institucional. A falta de tais políticas e recursos perpetua a desigualdade de gênero no acesso à educação superior, limitando as oportunidades de crescimento pessoal e profissional dessas mulheres.

A dissertação de Mestrado vinculada à UFU, desenvolvida por Regiany Alves Carvalho (2020), chamada de ‘Muro das Palpitações: Um manifesto de Mães Universitárias’, analisa as dificuldades e as vivências enfrentadas por mães que estão na Universidade - em específico no contexto da UFU Campus Pontal (Ituiutaba). O propósito principal deste estudo é destacar a experiência dessas mulheres, investigando a forma como lidam com os desafios de ser mãe e, ao mesmo tempo, atender as obrigações e as pressões existentes e proliferadas no ambiente

acadêmico. Ademais, busca dar relevo às pressões, às inseguranças e aos obstáculos cotidianos que essas mães encaram, muitas vezes lidando com a ausência de apoio institucional, os preconceitos e o excesso de obrigações. A autora adota uma abordagem que combina relatos pessoais, análises críticas e elementos de manifesto, construindo um ambiente em que as vivências subjetivas dessas mulheres são destacadas, não só para tornar visíveis suas batalhas, mas também para sugerir mudanças profundas no meio acadêmico.

Carvalho (2020) enaltece a força das mães que estão na Universidade ao enfrentarem os obstáculos do meio acadêmico e as barreiras sociais que surgem em seu percurso. Salienta que, embora enfrentem adversidades, encontram estímulo em suas próprias vontades de mudar suas circunstâncias e proporcionar um futuro mais promissor para seus/as filhos/as.

Essas razões, que englobam a busca por dignidade e uma vida melhor, proporcionam a essas mulheres uma determinação poderosa e praticamente imbatível, apta a vencer qualquer desafio. A menção à ‘força feroz’ destaca a habilidade de resistência que essas mães adquirem, permitindo-lhes não somente enfrentar, mas também derrotar as barreiras erguidas pela sociedade. Essa determinação é descrita como algo quase sobrenatural, uma força peculiar que as capacita a enxergar além das restrições impostas pelo meio, visualizando oportunidades e horizontes inexplorados anteriormente (Carvalho, 2020).

Entretanto, de acordo com Claudia Santos e Ana Luísa Cordeiro (2021), essa força individual, embora seja importante, não deve ser confundida com ‘superpoder’ ou ser a única ferramenta à disposição dessas mulheres-mães. É crucial que políticas equitativas e apoio familiar estejam presentes para auxiliar no ‘peso/sobrecarga’ que elas carregam. As autoras recomendam que a participação ativa da figura paterna e a divisão das responsabilidades domésticas e de cuidado sejam passos fundamentais para alcançar a equidade de gênero, permitindo que a mulher-mãe tenha mais oportunidades de progresso profissional. Sem tais medidas, as mães que estudam continuam a enfrentar barreiras significativas, mantendo assim a desigualdade de gênero no acesso e na permanência no ensino superior. Logo, enquanto o poder interno dessas mulheres é inquestionável, a criação de um ambiente mais justo, tanto social quanto institucional, é igualmente importante para que elas possam alcançar todo o seu potencial.

A mulher, na condição de mãe, encontra-se vulnerável e requer do Estado, da sociedade e em especial do pai da criança o compartilhamento de responsabilidades para realizar suas atividades, sociais, profissionais e familiares. A falta deste desempenhando sua paternidade de modo presente, responsável e atuante, faz com que muitas vezes a mulher tenha insucesso em sua trajetória profissional, ou que a mesma não flua conforme deveria ser (Santos; Cordeiro, 2021, p. 04).

Essa reflexão é importante porque enfatiza como o excesso de responsabilidades maternas, quando não distribuídas de forma justa, pode prejudicar a progressão profissional das mulheres. Caso o pai não assuma um papel participativo e comprometido, a mulher pode encontrar dificuldades para conciliar suas responsabilidades, levando ao fracasso ou estagnação de sua carreira. Isso ressalta a necessidade de uma participação ativa dos pais e de políticas públicas que incentivem uma distribuição mais equitativa das tarefas de cuidado e uma maior inclusão das mães no mercado de trabalho e/ou no ensino superior, sem sobrecarregá-las.

Nesse contexto, Marcela Souza, Myriam Dornelas e Rosemary Barbosa (2023) sugerem que “[...] as renúncias são feitas cotidianamente, e, assim, acabam priorizando os serviços domésticos em detrimento dos estudos, fato que acarreta inúmeras consequências para seu desempenho e atuação acadêmica” (Aguiar, 2019 *apud* Souza, Dornelas, Barbosa, 2023, p. 18928). Essa priorização não é uma escolha trivial, mas uma necessidade imposta pelas circunstâncias de suas vidas cotidianas. As consequências dessa dinâmica são múltiplas: a diminuição do tempo disponível para estudo, a redução da qualidade do aprendizado, a queda no desempenho acadêmico e, muitas vezes, a necessidade de prolongar o tempo de graduação ou até abandonar o curso.

Conforme estudo realizado por Eliane Almeida, Edna Hogemann e Mônica Müller (2022), pondera-se que:

A Plataforma Lattes é uma base de dados integrados de currículos, grupos de pesquisas e instituições de ensino, geridas pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) - entidade ligada ao Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações para incentivo à pesquisa no Brasil. Além de ser um banco de dados importante para a elaboração de políticas pelo Ministério, o Lattes é a plataforma adotada pela maioria das instituições de fomento como critério para concessão de bolsas para pesquisadores (as). Pela sua relevância no meio acadêmico, um “apagão” de produção científica representa prejuízo na concorrência por uma bolsa de pesquisa. Não é surpresa que uma pesquisadora em período de licença maternidade, e nos primeiros anos de cuidados a um recém-nascido, não consiga produzir na mesma intensidade, mas, sem um campo específico para que a pesquisadora possa indicar o motivo da queda da produtividade, o “apagão” em sua produção científica permanece sem qualquer esclarecimento ou até mesmo subsídios para viabilizar a continuidade de seus projetos (p. 03).

O Currículo Lattes desempenha um papel essencial no cenário da pesquisa científica no Brasil, sendo importante para a formulação de estratégias governamentais e a distribuição de auxílios de pesquisa. A atualização do Currículo Lattes com essa inovação foi iniciada em 15 de abril de 2021, com o intuito de oferecer suporte às pesquisadoras que precisaram/precisam se afastar da pesquisa devido à maternidade. A inclusão de campos específicos para essas situações e a implementação de medidas de apoio mais abrangentes são passos significativos

para promover a equidade e garantir que todas as pesquisadoras tenham oportunidades equânimes de êxito em suas trajetórias profissionais.

Sob essa mesma perspectiva, Tatiana Roque (2024) aborda diversas questões relacionadas à participação feminina na ciência, destacando as dificuldades enfrentadas pelas mulheres para conciliar a maternidade com a carreira científica.

[...] nas bolsas de pesquisa PQ, isso fica nítido. Quando você analisa a produção científica das pesquisadoras PQ, das pioneiras da ciência, sobre as quais já escrevi, vê que elas não tiveram filho, ou não se casaram... Muitas optaram por não se casar, por conta desse cruzamento, dessa dificuldade de conciliar a maternidade com a carreira científica. Quando as mulheres engravidam, há uma queda na produção delas, e isso segue com a chegada dos bebês, porque a humanidade é muito frágil nos seus primeiros anos de vida e seus cuidados ainda não são partilhados na sociedade. São as mulheres as encarregadas de fazer tudo em relação aos filhos nesses anos. Então a carreira científica é a carreira da menopausa, para ser desenvolvida quando não há mais filhos, quando eles já estão criados e mais independentes (p. 12).

A jornada tripla enfrentada pelas mulheres-mães é um fenômeno complexo que merece ser profundamente analisado e compreendido. Não se trata apenas de administrar simultaneamente as tarefas domésticas, profissionais e acadêmicas, mas também de equilibrar essas tarefas de maneira eficiente. Essa dinâmica complexa impõe desafios únicos que afetam profundamente a trajetória dessas mulheres, tanto no campo pessoal quanto profissional (Oliveira; Roque, 2024).

De acordo com os estudos de Ana Cecília Figueiredo Leite e Francione Charapa Alves (2022), existem diversos indicadores sociais que evidenciam as disparidades de oportunidades que as mulheres enfrentam no que tange à raça/cor, à faixa etária, à quantidade de mulheres que trabalham e/ou são mães. Nesse sentido, “[...] muitos marcadores sociais apontam as desigualdades de oportunidades que estão atreladas ao gênero, moradia e as triplas jornadas que essas mulheres precisam assumir para estudar, cuidar da casa/família e ainda ter recursos financeiros” (p. 9).

Leticia de Oliveira e Tatiana Roque (2024) evidenciam a intersecção das desigualdades de gênero, raça e classe, mostrando como a divisão de responsabilidades entre vida privada e pública é uma questão que não pode ser compreendida isoladamente. Elas sublinham como os estereótipos de gênero não apenas persistem na sociedade, mas também permeiam o campo acadêmico e científico. A percepção de que certas áreas do conhecimento são mais adequadas para mulheres, devido à sua associação com o cuidado, afeta as escolhas de carreira e a representação de gênero nas diferentes carreiras. Isso pode limitar o potencial das mulheres e reforçar a segregação de gênero no mercado de trabalho.

O caminho entre vida privada e vida pública ainda é um problema para as mulheres. As tarefas caseiras, os cuidados e as preocupações com os filhos pesam, até hoje,

diferentemente sobre homens e mulheres. Quando esses obstáculos se atenuam é porque outras mulheres, mais pobres e negras, estão trabalhando no cuidado de suas casas. As tarefas de cuidados sempre foram atribuídas a mulheres como se fossem parte de sua natureza: uma suposta predisposição para a dedicação ao lar e à prole. Não deixa de surpreender, ainda assim, que a divisão entre trabalho afetivo e racional se recoloque no campo das ideias, com algumas áreas do saber vistas como mais femininas do que outras. Essa é a cultura científica que faz com que os cursos universitários e as carreiras científicas relacionadas aos cuidados tenham maior presença de mulheres (Oliveira; Roque, 2024, p. 38-39).

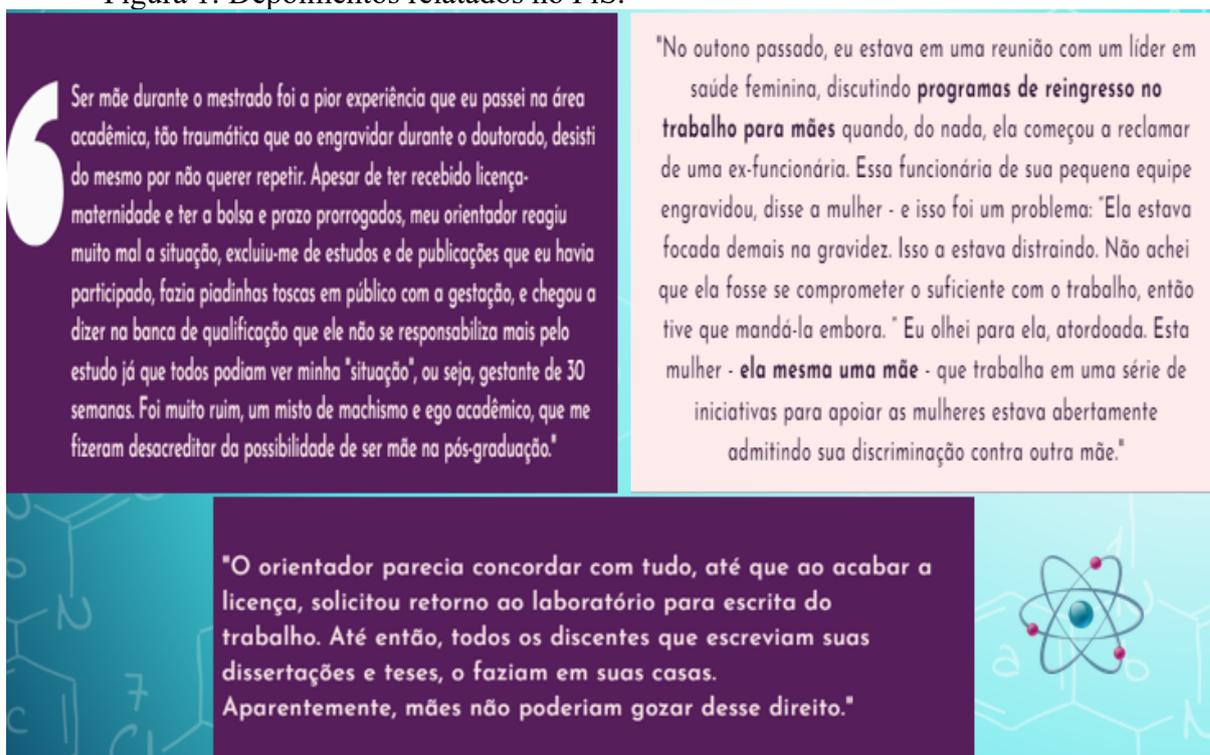
É crucial reconhecer que as mulheres-mães têm uma grande carga de responsabilidades que podem afetar o seu bem-estar emocional e físico, além de afetar diretamente suas chances de crescimento profissional e acadêmico. Sendo assim, compreender essa realidade complexa não apenas aumenta a consciência sobre as diferenças de gênero, como também estimula a criação de políticas e práticas, de fato equânimes, permitindo que todas as mulheres possam atingir o seu potencial máximo em todas as áreas de suas vidas.

Em 2016, surgiu no Brasil o *Parent in Science* (PiS), uma iniciativa que tem como objetivo apoiar e promover a inclusão de mães e pais que são pesquisadores/as ou estudantes de pós-graduação. O principal propósito do PiS é criar um ambiente acadêmico mais inclusivo e acessível, reconhecendo as dificuldades específicas enfrentadas por pesquisadoras que também são responsáveis pelo cuidado de seus/suas filhos/as em todas as esferas de suas vidas.

Na área do Guia de estratégias para combate à discriminação e ao assédio contra mães na academia⁴ (Parent in Science, 2023), alguns relatos destacam a relevância desses projetos e iniciativas que não apenas reconheçam, mas também superem de maneira eficaz as dificuldades enfrentadas por mães pesquisadoras. Estas narrativas, como na Figura 1, enfatizam a urgência de políticas institucionais que apoiem a causa.

⁴ Para saber mais sobre os documentos do *Parent in Science* (PiS) basta acessar este link: <https://www.parentinscience.com/documentos>.

Figura 1: Depoimentos relatados no PiS.



Fonte: Parent in Science, 2023, p. 5-7.

O projeto PiS ressalta a necessidade de as instituições de ensino e pesquisa reconhecerem e combaterem, de forma eficaz, a discriminação contra as mães na academia. As organizações precisam priorizar a escuta e a compreensão das vivências das mães no ambiente acadêmico. É fundamental que essa abordagem seja genuína, envolvendo interesse e comprometimento para identificar as dificuldades únicas enfrentadas por essas mulheres (PiS, 2023).

É importante conduzir pesquisas sobre o impacto da vivência da maternidade nas trajetórias acadêmicas. Tais estudos podem elucidar de que forma a maternidade influencia o avanço profissional, o desempenho e as possibilidades de desenvolvimento. Os preconceitos ligados à maternidade podem dificultar a vida das mulheres no ambiente acadêmico. Reconhecer esses obstáculos é essencial para compreender o impacto que têm na carreira das mulheres-mães.

É indispensável que haja políticas de licença-maternidade apropriadas, flexibilidade no ambiente de trabalho e suporte organizacional para que as mães que são acadêmicas consigam conciliar de forma eficaz suas obrigações profissionais e pessoais. A ausência dessas medidas pode resultar em um cenário de ampliação da desigualdade de oportunidades.

Mostrar comprometimento com a equidade de gênero é fundamental. Isso não só evidencia o apreço da organização pela variedade, como também aprimora a reputação e a integridade da instituição. Apenas por meio de uma compreensão aprofundada e de ações específicas, as organizações serão capazes de estabelecer um ambiente genuinamente igualitário e inclusivo. Isso requer a revisão de diretrizes, a realização de capacitações e a promoção de um ambiente mais equitativo. Contudo, não se pode deixar de mencionar que apoiar as diferentes modulações do maternal também passa pelas relações didático-pedagógicas que são estabelecidas nos espaços de sala de aula, ou seja, nas relações interpessoais que se dão dentro dos encontros pedagógicos dos componentes curriculares.

O projeto PiS é uma resposta relevante às necessidades de pais e mães pesquisadores/as, com o objetivo de criar condições que permitam uma participação plena e justa no ambiente acadêmico, fortalecendo a pesquisa e promovendo uma cultura de inclusão e apoio mútuo. Para além da assistência prática, a rede de apoio oferece um suporte emocional fundamental para as mães, e sobretudo, beneficia também o desenvolvimento saudável da criança, proporcionando uma variedade de experiências e cuidados.

A ausência de uma rede de apoio consistente pode aumentar significativamente os desafios que enfrentamos, as mães podem experimentar solidão e ficar sobrecarregadas com suas responsabilidades. Esse cenário pode resultar em estresse e depressão, impactando negativamente tanto a mãe quanto a criança. Crianças que são criadas em ambientes onde a mãe está frequentemente sob estresse ou com sintomas de depressão têm maior probabilidade de desenvolver dificuldades emocionais e comportamentais (Fraga, 2015).

A Universidade Federal de Uberlândia (UFU) disponibiliza uma variedade de suportes para ajudar suas estudantes/servidoras mães, principalmente aquelas em condições de vulnerabilidade socioeconômica (Evangelista, 2023). Estes suportes englobam alimentação, facilidade de acesso, transporte, inclusão digital, creche, assistência odontológica, atividades culturais e bolsas para estudantes locais ou estrangeiros. Contudo, como já foi apresentado anteriormente, no Campus Pontal não se tem acesso a todos esses suportes, como é o caso da creche. Em se tratando da alimentação, é importante destacar que esta é oferecida a todo o público da instituição e não apenas para mães. Vale ressaltar que para se cadastrarem e terem acesso aos suportes, as estudantes precisam estar regularmente matriculadas em cursos presenciais na UFU (Evangelista, 2023).

A presença desses suportes na UFU serve como um exemplo positivo de como uma instituição de ensino superior pode contribuir para promover a inclusão, equidade e sucesso

acadêmico de suas estudantes e servidoras. Isso é particularmente relevante em cenários em que obstáculos socioeconômicos e outras adversidades podem dificultar o ingresso e a permanência no contexto do ensino superior.

2.2-O Patriarcado e as Universidades

A Universidade e a ciência, assim como todas as diferentes instituições que encontramos na sociedade civil (família, entre outras), são afetadas diretamente pelo sistema patriarcal. Segundo Bruna Camilo (2019), o patriarcado:

[...] é poder político, ou melhor, uma forma de poder enraizada e estruturada de maneira que homens tomem posse dos corpos femininos. É, principalmente, poder político que restringe as liberdades e direitos das mulheres. É dado aos homens o direito de explorar, dominar e oprimir os corpos e as vidas das mulheres (p. 18).

Esta compreensão está de acordo com a visão de Carole Patman (1993), que sugere que o patriarcado e o sistema de escravidão geram e sustentam desigualdades profundas e sistemáticas. No patriarcado, a disparidade de gênero é perpetuada e fortalecida por meio de normas culturais, legislação e costumes sociais. Apesar de ser profundamente arraigado e opressivo, o patriarcado pode apresentar variações em sua intensidade e manifestação, dependendo do contexto cultural e histórico.

Nesse viés, Fernanda Hampe (2016) destaca a complexidade das diversas formas de opressão e como estas influenciam as vivências individuais em uma sociedade permeada por diferentes sistemas de dominação, como o capitalismo, o machismo, o racismo e a discriminação contra a diversidade sexual. Essa conjunção de mecanismos de controle gera fragilidades específicas para cada pessoa, levando em consideração seu gênero, etnia e orientação sexual, evidenciando que tais experiências são singulares e não podem ser generalizadas.

Numa sociedade que é, simultaneamente, capitalista, patriarcal, racista e heterossexista, as posições geradas por gênero, raça e sexualidade geram vulnerabilidades específicas. (...) percebe-se a impossibilidade de universalizar a experiência de gênero, pois este varia de uma cultura para outra, de uma época para outra, mas que a construção cultural traz consigo uma hierarquização dos valores, segundo os quais às atividades/atributos tidos como masculinos se atribui mais valor do que às tidas como femininas (Hampe, 2016, p. 21-22).

Sob este olhar, a classificação de gênero não é fixa nem global, mudando de acordo com o contexto histórico e cultural em que se encontra. No entanto, mesmo com essas mudanças, é comum o reconhecimento de valores considerados masculinos em detrimento dos femininos, refletindo e reforçando os regimes de representação e a dominação patriarcal dos corpos. Nesse

sistema, o masculino está relacionado ao poder, à lógica e ao espaço público, ao passo que o feminino é associado frequentemente à sensibilidade, à esfera privada e à submissão (Hampe, 2016).

Essa visão é importante para compreender as formas como as disparidades de gênero são sustentadas e prolongadas em meio a um cenário mais abrangente de injustiças sociais. Além disso, ressalta a relevância de uma abordagem interseccional para examinar as diferentes manifestações de preconceito e exclusão, entendendo que as vivências das mulheres, por exemplo, não são uniformes e diferem consideravelmente, conforme suas demais identidades sociais e subjetividades.

No âmbito do sistema capitalista, o patriarcado se manifesta com muita força, pois, segundo Ramón Grosfoguel (2012):

[...] a palavra capitalismo é enganosa porque nos leva a pensar em um sistema econômico, quando, na realidade, se trata de um sistema hegemônico que transcende as relações econômicas e inclui relações raciais, sexuais, de gênero, espirituais, linguísticas, pedagógicas, epistemológicas, todas articuladas em uma matriz de poder colonial que estabelece a superioridade biológica e/ou cultural das populações de origem europeia construídas como ocidentais, sobre as populações não europeias construídas como não ocidentais (p. 342).

Grosfoguel (2012) movimenta uma crítica incisiva ao conceito de ‘capitalismo’, argumentando que, apesar de ser amplamente conhecido como um sistema econômico baseado na busca incessante por capital e na exploração do trabalho, a ideia apresentada é de que o capitalismo vai muito além disso, sendo de fato um sistema dominante que abarca diversos aspectos - como o caso da noção de superioridade de homens em relação às mulheres. Ademais, estabelece uma conexão relevante entre capitalismo e colonialismo, indicando que ambos contribuem para uma estrutura de poder que sustenta a supremacia das populações europeias (e seus descendentes) sobre as não europeias. Essa estrutura de poder colonial é estabelecida e perpetuada por meio de várias formas de controle que vão além do âmbito econômico e se infiltram em quase todos os aspectos da vida em sociedade.

Ao ressaltar a conexão do capitalismo com a hierarquização racial e cultural, a afirmação destaca que o sistema não se resume apenas ao aspecto de classe, mas também envolve questões de etnia, gênero e outras especificidades. Isso evidencia a complexidade das opressões interseccionais, em que as estruturas de poder se entrelaçam para manter a desigualdade e o controle. Essa perspectiva amplia a compreensão do capitalismo, mostrando-o como um sistema intrincado de domínio que sustenta e é sustentado por várias formas de exploração. Para combater as disparidades do capitalismo, é necessário dismantelar não só suas

bases econômicas, mas também as estruturas (e infraestruturas) de poder de gênero e outras formas de opressão que ele perpetua.

Dentro desse cenário, é vital realizar uma reflexão crítica sobre a presença do sistema patriarcal no âmbito acadêmico e científico. Ao longo do tempo, essas instituições têm privilegiado e perpetuado a hegemonia dos homens em diversas áreas acadêmicas, evidenciando e fortalecendo as mesmas hierarquias de gênero que o sistema capitalista utiliza para manter a ordem vigente (Souza, 2014). Conseqüentemente, as mulheres têm sido constantemente excluídas em seus esforços para ingressar no ensino superior e conquistar reconhecimento em suas áreas de atuação. Portanto, o combate às desigualdades no capitalismo deve englobar a desconstrução das barreiras patriarcais que persistem dentro das Universidades e na produção do conhecimento científico (Souza, 2014). O que demonstra que apenas a concessão de bolsas e auxílios não resolve o problema da desigualdade.

O sistema patriarcal evidencia-se nas hierarquias presentes nas instituições acadêmicas e científicas, em que padrões historicamente masculinos podem contribuir para disparidades salariais, obstáculos na progressão de carreira e ambientes que não reconhecem devidamente as contribuições femininas (Rosemberg; Madsen, 2011).

O paradigma patriarcal pode influenciar a forma como o conhecimento científico é desenvolvido, favorecendo certas perspectivas teóricas, métodos de pesquisa e campos de estudo que refletem os interesses dos homens e negligenciam questões, experiências e contribuições femininas. Mulheres que costumam ir à academia frequentemente enfrentam situações de discriminação e assédio, lidando também com dificuldades relacionadas à maternidade, como a falta de licenças apropriadas, obstáculos para equilibrar trabalho e vida familiar, e uma sociedade que não valoriza a harmonia entre vida pessoal e profissional.

Promover a equidade de gênero requer não apenas políticas inclusivas, mas também uma transformação cultural que desafie e transforme as estruturas patriarcais que também chegam na Universidade e na ciência. A valorização da diversidade de gênero e a inclusão de perspectivas múltiplas são fundamentais para enriquecer o ambiente acadêmico e científico, promovendo abordagens e práticas mais equânimes.

As abordagens feministas e suas reflexões têm sido cruciais para desafiar os paradigmas estabelecidos, reconstruir narrativas históricas e fomentar uma ciência menos excludente e potencialmente reflexiva. Iniciativas que promovam a liderança feminina e mentorias eficientes são fundamentais para apoiar mulheres em todos os estágios de suas carreiras acadêmicas, estimulando sua participação ativa e influência nas decisões institucionais. Contudo, não se

pode deixar de mencionar que “[...] as escolhas das mulheres – que devem conduzir ao sucesso – são vistas de maneira individualizada e desconectada da força de poderes institucionais” (Lana, 2012, p. 131), o que, neste estudo, é um grande empecilho para que se pense tais questões e atravessamentos com os diferentes corpos e agentes sociais - já que acabam individualizando questões que são de ordem coletiva.

Beatriz Gomes e Vera Siqueira (2010) exploram a temática da presença feminina no ambiente universitário, enfatizando a disparidade existente na distribuição por diversas áreas acadêmicas. As autoras ressaltam a predominância de mulheres nas disciplinas ligadas às ciências sociais e humanas, ao passo que as áreas de tecnologia e ciências naturais continuam sendo majoritariamente masculinas.

Nesse cenário, Bruna Fary, Fernanda Rigue e Roberto Oliveira (2023), em um recente estudo, propõem uma reflexão crítica sobre a história e o progresso da Química como ciência moderna. Os escritores enfatizam a importância de reconhecer a diversidade epistemológica e cultural no progresso científico, bem como os efeitos sociais e culturais da supremacia do saber europeu. Essa abordagem de descolonização do saber encoraja a valorização de diferentes formas de conhecimento e favorece uma abordagem mais equitativa e inclusiva na área da ciência e na área educacional.

A Química, como ciência moderna, é uma tentativa de hegemonização-totalização de um saber, oriundo de um território Europeu e das conexões que aquele mesmo espaço-tempo proporcionou e consolidou sob o signo da modernidade - da lógica e da racionalidade matemática. Movimento que também respingou no fortalecimento das engrenagens modernas, como é o caso do fortalecimento da ideia de Estado, disciplina e educação escolar obrigatória (Fary; Rigue; Oliveira, 2023, p. 05).

O estudo de Gomes e Siqueira (2010) está em sintonia com a análise feita por Fary, Rigue e Oliveira (2023), que evidência como as estruturas de poder e exclusão não só influenciam o conhecimento científico, mas também afetam o acesso e a participação de grupos diversos na construção desse saber.

A entrada das mulheres na Universidade deu-se de forma gradual; mesmo tendo acesso ao mundo acadêmico, o fizeram principalmente nas áreas humanas sendo “culturalmente” excluídas da área tecnológica e da saúde. Mesmo hoje, percebe-se que há preponderância feminina nas áreas humanas, caracterizando-se quase nichos femininos (p.3). (...) Tal cenário nos leva a pensar nas dificuldades das mulheres na academia, nos embates que travam, nos entraves à progressão na carreira, entre outros aspectos (Gomes; Siqueira, 2010, p. 01).

É notório que a trajetória feminina no âmbito universitário foi impactada por uma complexa mistura de fatores históricos, econômicos, culturais e sociais. Durante muitos anos, normas patriarcais discriminaram e ainda discriminam as mulheres de forma sistemática no ambiente acadêmico, relegando-as a papéis secundários ou até mesmo invisíveis dentro das

instituições de ensino. Esse histórico de exclusão não somente retardou o progresso das mulheres na ciência e na educação, mas também deixou um legado de disparidades que continuam a afetar a sociedade contemporânea. Essas barreiras estruturais mostram como o cenário acadêmico foi influenciado por uma concepção que beneficia o progresso dos homens, contribuindo para que os mesmos continuem tendo condições de permanecer no centro das discussões e decisões universitárias.

Nesse contexto, Isabelle Stengers (2023) destaca as desigualdades de gênero profundamente arraigadas no meio acadêmico e científico. A autora pondera que a carreira científica foi originalmente pensada para os homens, especialmente para aqueles que contam com um suporte familiar e emocional que, tradicionalmente, as mulheres oferecem. Esse cenário perpetua uma organização de trabalho que demanda uma dedicação exclusiva que só é possível para aqueles que estão isentos das responsabilidades domésticas e dos cuidados familiares, realçando a desigualdade de oportunidades entre homens e mulheres.

Poderíamos dizer que se trata de uma carreira concebida para homens, ou mesmo para homens que se beneficiam do apoio daquelas que mantêm a casa, cuidam dos filhos, poupam-lhes das preocupações práticas, permitem-lhes passar noites em claro no laboratório e se ausentar devido aos vários estágios e deslocamentos ao exterior que fazem parte da carreira de um pesquisador (Stengers, 2023, p. 53).

Além disso, Stengers (2023) ressalta os desafios extras que as mulheres encaram ao tentar conquistar esses espaços. Sem um suporte adequado para ajudá-las a conciliar vida pessoal e profissional de forma equilibrada, as cientistas e as acadêmicas se veem diante de uma difícil decisão entre suas carreiras e suas obrigações familiares. Isso acaba por colocar em situação de marginalização as mulheres que não possuem meios para compartilhar suas tarefas domésticas, prejudicando ainda mais aquelas que são mães e/ou que pertencem a grupos sociais menos favorecidos. Quando as mulheres não contam com esse mesmo apoio, são erroneamente consideradas menos comprometidas e/ou menos competentes no ambiente profissional, o que faz com que a dedicação exclusiva do trabalho acadêmico seja associada com a masculinidade, desconsiderando as realidades vividas por muitas mulheres - “[...] De uma mulher comprometida com suas responsabilidades familiares se dirá frequentemente que o próprio fato de ela ter escolhido assumir tais responsabilidades prova que ela talvez não tenha a 'fibra' de um verdadeiro pesquisador” (Stengers, 2023, p. 53).

O tipo de julgamento citado acima é formado considerando uma perspectiva histórica que possibilitou que os homens se dedicassem integralmente às suas carreiras, enquanto as mulheres assumiam todas as responsabilidades familiares. Ao ignorar as vivências das mulheres

e os desafios extras que enfrentam, o ambiente acadêmico contribui para a perpetuação da exclusão e desigualdade de gênero.

Quando as mulheres, em especial as que são mães, decidem pausar suas trajetórias acadêmicas ou científicas, devido a dificuldades no equilíbrio entre trabalho e compromissos domésticos, sofrem julgamentos como “[...] daquela que desiste, se dirá não tinha a fibra” (Stengers, 2023, p. 53), insinuando que desistir de uma carreira acadêmica e de pesquisa é um sinal de fraqueza e/ou falta de comprometimento. Contudo, a decisão de desistir - na maioria dos casos - não se deve a uma falta de fibra e/ou determinação, ao contrário, a série de fatores múltiplos e complexos, que conjuntamente se unem ocasionando a desistência e/ou abandono, como é o caso da falta/inexistência de um ambiente acolhedor e equitativo.

Apesar dos progressos significativos na inserção de mulheres no ensino superior, ainda é possível observar uma distribuição desigual entre as diversas áreas acadêmicas. Essa exclusão é reflexo de obstáculos culturais e institucionais que continuam a perpetuar estereótipos de gênero e a restringir as escolhas profissionais das mulheres. Esses entraves incluem preconceitos implícitos, escassez de referências femininas em áreas majoritariamente admitidas como masculinas e uma cultura acadêmica que frequentemente minimiza as contribuições e feitos das mulheres cientistas.

É evidente que aprimorar as instituições de ensino superior com o intuito de torná-las mais justas e inclusivas demanda um comprometimento contínuo com a perspectiva feminista e a implementação de ações que valorizem e reconheçam a importância e voz de todas as mulheres nas distintas áreas do conhecimento científico (Roque, 2024). Nesse sentido, é fundamental adotar políticas que promovam a equidade, tais como a criação de programas de mentoria voltados para mulheres, o incentivo às lideranças femininas e a garantia de licenças maternidade adequadas. Além disso, é indispensável promover uma transformação cultural que questione as normas patriarcais e celebre a pluralidade de perspectivas na esfera acadêmica. Somente por meio de um esforço coletivo e constante será possível construir um ambiente acadêmico verdadeiramente equitativo, no qual todos os indivíduos tenham a oportunidade de contribuir plenamente para o progresso do conhecimento e da vida em sociedade.

2.3- Formação de professores/as de Química

A capacitação de professores/as de Química é essencial para assegurar que os/as estudantes experienciam uma educação de excelência que os/as prepare para enfrentar os desafios científicos e tecnológicos do mundo atual. A Química, uma ciência que dialoga com

diversas outras áreas (matemática, física e biologia, por exemplo), requer educadores/as bem capacitados/as e que sejam capazes de mobilizar conceitos complexos de modo compreensível e envolvente.

Para alcançar essa capacitação, é fundamental considerar a complexidade do processo de formação docente, que abrange tanto os aspectos pessoais quanto sociais desse desenvolvimento. Cada estudante engendra sua constituição profissional por meio de uma reflexão interna e seleção externa, ao mesmo tempo em que é impactado pelas interações e propósitos de outros indivíduos no ambiente acadêmico. Essa conexão entre o particular e o coletivo gera uma formação docente singular e multifacetada. Nesse sentido, Kenia Silva e Nyuara Mesquita (2018) ponderam que a formação do/a docente:

[...] é subjetiva, no sentido em que cada licenciando retém para si um aprendizado e um ideal, construindo interiormente seus modelos ou escolhendo qual modelo seguir. É social, pois essa construção reflete as intencionalidades de outros sujeitos na sua formação, tanto de professores como de colegas ou alunos (p. 45).

A formação do professorado é, portanto, um processo complexo, em que a subjetividade individual e as influências sociais se entrelaçam. O desenvolvimento de um/a professor/a não pode ser entendido apenas como um processo interno ou externo, mas como uma combinação dinâmica de ambos. Cada futuro/a professor/a tem uma jornada única de desenvolvimento, moldada por suas próprias experiências, reflexões e escolhas.

Fernanda Rigue (2021) sugere que a educação - processo que envolve o exercício da docência - precisa ser dinâmica e integradora, que valorize e respeite as particularidades de cada indivíduo, e, ao mesmo tempo, que estimule e inspire os diferentes envolvidos no processo. Que a educação seja mobilizada pela vontade de aprender e desfrutar a vida plenamente, em que as estratégias educativas sejam capazes de gerar impactos reais, estabelecendo laços profundos e significativos que capacitam as pessoas a vivenciarem de forma plena e relevante o mundo. Essa maneira de pensar desafia os métodos convencionais da educação, que frequentemente se preocupam com a uniformização pela via da mensuração dos resultados quantitativos, e propõe uma abordagem mais abrangente, que reconhece a importância das emoções, dos corpos e das subjetividades dos sujeitos como elementos essenciais do processo educativo.

Dessa forma, a educação não se limita apenas a adquirir conhecimento, mas também se torna uma ferramenta transformadora para a autodescoberta, o relacionamento interpessoal e o desenvolvimento de uma existência plena e significativa. Segundo aponta Rigue (2021):

[...] os processos educacionais podem produzir vacúolos intensivos duráveis de conexão com a subjetividades dos corpos, da respiração dos afetos, dentro de suas

próprias variações e intensidades. O quanto é possível produzir e cultivar uma ética que nos permite afirmar a existência de cada um, em meio a encontros alegres e recheados de ações que operam pela potencialização do desejo, da fruição da vida, da sua reapropriação (...) (p. 24).

A educação encontra sua potência ao ser pensada como um movimento/exercício em que as variações e as intensidades individuais são reconhecidas e nutridas, resultando em espaços criados pelo processo educacional que permitem uma conexão autêntica com os corpos e sentimentos dos/as estudantes. Criar um ambiente educativo que não apenas ensine, mas também inspire e motive, permitindo que os/as estudantes reconstruam suas vidas de maneira significativa, vem ao encontro de uma abordagem ética na educação como caminho para ampliar os aprendizados coletivos em fluidez.

Nesse sentido, Fernanda Rigue e Tiago Sales (2023) apontam que a educação não se resume apenas à transmissão de conhecimento, mas também à atenção e à compreensão das particularidades emocionais e intelectuais dos/as estudantes. O/a educador/a precisa estar atento/a às demandas individuais e coletivas, para que “[...] o devir-educador/a possa agenciar instantes de sutileza, cuidado, misturas e travessias por intermédio da escrita ficcional, como elo que estabeleça a ativação da presença, da transgressão, da experimentação” (Rigue; Sales, 2023, p. 307). Dito de outra forma, é preciso pensar nos momentos singulares que vivemos juntos dos/as estudantes para desenvolver os processos educativos.

Para Fary, Rigue e Oliveira (2023), a formação em química necessita ser diversificada e acolhedora, reconhecendo distintas maneiras de aprendizado e de aplicação. O excesso de regras e burocratizações pode restringir a inovação e a habilidade de adaptação a situações particulares.

Desviar dos modos dominantes de pensar e agir no Antropoceno é uma urgência frente às mazelas da modernidade e da colonialidade. Uma educação química menor não pode ser reduzida a um contrato discursivo garantido por leis, normas, currículos, entre outros documentos totalizadores com caráter normalizador (Fary; Rigue; Oliveira, 2023, p. 23).

Evitar os padrões predominantes também significa uma desterritorialização de alguns modelos de educação, questionando e problematizando/desestruturando sistemas e métodos que mantêm e reforçam os padrões de desigualdade e a submissão dos corpos. Um processo transformador que não só compartilha conhecimento, mas também questiona e modifica formas hegemônicas e cristalizadas de pensamento e de ação.

Nesse tom, Thalia Bianchini, Kamila Menezes e Izaque Ribeiro (2021) sugerem uma revisão profunda da educação, defendendo uma mudança do modelo tradicional para uma abordagem rizomática, não hierarquizada e hierarquizante. A transformação requer uma análise

crítica das origens e propósitos das escolas, com o objetivo de criar um sistema educacional que seja acessível, flexível e adaptável. Ao adotar um pensamento mais amplo e construtivo, a educação pode se tornar um meio de empoderamento e libertação, capacitando os/as estudantes a se tornarem pensadores/as problematizadores/as e seres engajados em um mundo em constante evolução.

[...] (re)pensar a educação indo além do que temos visto e vivido, focando em transmissão e repetição de determinados conteúdos, que são escolhidos e limitados a um modo de pensar sobre determinados assuntos, formados por uma grade curricular rígida. Propomos então começar a refletir sobre a instituição escolar, como ela foi formada, para que finalidade, para quem; e com vistas de que possamos conceber a educação de modo rizomática, ou seja, procurando escapar do pensamento duro, estagnado e repetitivo para noções de pensar mais amplas, abertas, novas, construtivas e libertárias (Bianchini; Menezes; Ribeiro, 2021, p. 215).

O papel do educador/a é dinâmico e multifacetado, enfatizando a relevância da flexibilidade, da empatia, da interdisciplinaridade e da inovação na educação. Paulo Freire (1997), em seu trabalho, sublinhou a importância de respeitar as individualidades, as especificidades culturais e as diferentes realidades socioeconômicas dos alunos. Ao respeitar as diferentes realidades dos/as estudantes, a educação pode contribuir para a formação de seres atentos, capazes de tomar decisões na vida e com o mundo. Freire argumentou que a compreensão da realidade deve abranger o presente, o passado e o futuro, permitindo uma visão holística para a construção de um mundo mais justo e equitativo.

Segundo estudo realizado por Fernanda Rigue, Alice Dalmaso e Maria Rosângela Ramos (2021), aprimorar o processo de formação é crucial e necessário para um ensino sólido. Durante a formação inicial, os/as educadores/as lapidam suas ideias sobre o ensino e a aprendizagem, bem como suas visões sobre a prática docente. Essas percepções e visões são fundamentais para moldar suas futuras práticas educacionais.

A formação inicial é uma fase importante para o percurso de construção das concepções e perspectivas daquele que se encontra em processo de aproximação com a docência. É abertura que vem ao encontro de cultivar uma proximidade com a docência com vistas a conjecturar um desenvolvimento de sua autoria na elaboração de materiais didáticos pedagógicos e na construção compartilhada de conhecimentos (Rigue; Dalmaso; Ramos, 2021, p. 15).

A formação inicial é o começo de um processo contínuo de aprimoramento profissional, no qual o futuro professor/a começa a se familiarizar com os desafios e responsabilidades da profissão docente. Educar futuros/as profissionais da química com uma visão ampla da diversidade de ideias e práticas pode criar uma geração de docentes e cientistas mais criativos e responsáveis por seus impactos sociais, ambientais e científicos. É um desafio que confronta o domínio das práticas usuais na ciência química, com o objetivo de incorporar e dar

importância a pontos de vista relegados a segundo plano. Essa mudança pode resultar em avanços significativos, estimulando a criação e a capacidade de resposta diante das demandas atuais, fomentando uma postura mais ética, sustentável e equitativa.

Nesse sentido, Paulo Vitor Teodoro, Fernanda Rigue e José Gonçalves Júnior (2023) ressaltam a dinâmica e disputa das diretrizes que orientam a formação inicial dos/as professores/as de Química. Essas diretrizes são fundamentais para dimensionar a formação profissional dos futuros/as professores/as, mas também estão sujeitas a influências e tensões que refletem processos históricos e interesses variados.

A formação inicial de professores/as de Química para atuação na educação escolar é marcada por diretrizes que definem horizontes para a constituição professoral do/a futuro/a docente. Essas diretrizes modulam-se ao longo dos processos históricos, caracterizando-se como campo de disputa permanente (Teodoro; Rigue; Júnior, 2023, p. 3).

As diretrizes que norteiam a formação inicial dos/as educadores/as têm um impacto significativo na prática educacional, uma vez que definem os tópicos a serem abordados durante a sua formação, além de orientar sobre as dinâmicas de ensino que precisam ser levadas em consideração. No entanto, essas diretrizes frequentemente adotam uma abordagem previsível e rígida, criando uma lacuna significativa na educação científica. Essa abordagem tradicional acaba se afastando da realidade vivida e da interconexão com a vida cotidiana escolar. O ensino das ciências naturais, de maneira tradicional, não consegue incorporar uma visão integrada e abrangente do conhecimento. Assim sendo, as aulas não conseguem conectar o conteúdo científico com as vivências diárias dos/as estudantes, o que limita o aprendizado e a importância do ensino científico na vida prática. Nesse contexto, Tiago Sales, Fernanda Rigue e Alice Dalmaso (2023) corroboram:

Os abismos que ecoam na prevalência de uma previsibilidade na escolarização em ciências aproximam a formação de estudantes dos pressupostos dualistas: natureza versus ser humano, sujeito-objeto, natural-cultural, dentro-fora, eu-mundo. Nossas aulas de ciências da natureza acabam, inevitavelmente, distantes do pensamento com/na/em meio à vida, por estarem projetadas em conhecimentos estratificados (p. 12).

Uma abordagem tradicional da educação científica, reforça uma visão dualista e compartimentada do conhecimento. Para tornar o ensino de ciências mais relevante e integrado com a vida real, é necessário adotar metodologias que promovam uma visão holística, interdisciplinar e complexa, conectando o aprendizado científico com a experiência cotidiana de habitar o mundo.

Nesse sentido, Rigue, Sales, Dalmaso (2023) sugerem um esforço para engendrar novas formas de ocupar e vivenciar a educação e a formação docente. Apontam que os/as professores/as precisam ser preparados/as para educar com uma visão que integra a interdependência ecológica e a co-participação com todas as formas de vida. Ao promover essa integração, a formação docente pode superar a compartimentação tradicional e oferecer um ensino mais alinhado à realidade e às necessidades contemporâneas.

[...] inaugurar novas brotações de habitar a educação e o campo formativo docente, sobretudo porque as instituições escolarizadas, sobremaneira, ainda permanecem intensamente atreladas a uma perspectiva humanista (Rigue; Sales; Dalmaso, 2023, p. 1471).

Para construir um futuro mais sustentável e interconectado, é necessário complementar a perspectiva humanista tradicional com práticas educativas que reconheçam e celebrem a interdependência com outras espécies e modos de existência. Isso implica em encontrar novas maneiras de habitar a educação e a formação de professores/as, criando espaços que promovam uma compreensão mais ampla e interconectada do/com/no mundo. Ademais, a implementação destas práticas educacionais requer modificações significativas naquilo que dimensionamos em termos de políticas educacionais, currículos e capacitação dos/s professores/as - o que normalmente está vinculado/restrito a crenças tradicionais e já consolidadas que estão em jogo na dinâmica da educação escolar.

Fernanda Rigue, Tascieli Feltrin e Tiago Sales (2024) afirmam que

[...] a Universidade e a formação inicial de professores/as é o espaço de experimentar a docência, de expandir as maneiras de usar a fala, de potencializar as possibilidades de articular os conhecimentos científicos historicamente produzidos. Eis a necessidade, cada vez mais latente, de viabilizar aos discentes momentos formativos, inclusive como estratégias avaliativas, que os coloquem para pensar, planejar, executar e sentir todas as sensações inerentes ao processo educativo – independentemente de qual seja a temática de interesse (p. 196).

Nesse sentido, a formação de professores/as no ensino superior deve ser considerada como um processo dinâmico e unificador, que vai além da mera absorção de conhecimento teórico. A formação para docência é um campo de experimentação ativa e transformadora, o que sugere a exploração de possíveis como um caminho interessante para que o/a docente em formação consiga perceber suas próprias dificuldades, potências e possibilidades como educador/a em formação.

Adicionalmente, são importantes atividades de capacitação que englobem diferentes estratégias de acompanhamento da aprendizagem e estimulem a análise, o planejamento, a prática e a percepção do processo no trajeto formativo. Essas experiências são fundamentais

para preparar os/as futuros/as educadores/as a enfrentar uma ampla gama de desafios e cenários complicados no ambiente escolar.

A formação inicial de professores/as é elo para estabelecer os horizontes da carreira docente e para proporcionar experiências variadas que enriquecem os conhecimentos dos/as futuros/as educadores/as. Sendo assim, “[...] neste momento de constituição do professorado que os sujeitos aprenderão acerca do ofício de ensinar, das particularidades e complexidades que permeiam a vida humana e a sociedade (...)” (Rigue; Feltrin; Sales, 2024, p. 186-187). Este aprendizado é potente para estabelecer a ampliação de repertório deste/a discente licenciando/a, preparando-o/a para abordar questões contemporâneas e desafiadoras no ensino.

A formação de professores/as requer um uma educação química que seja abrangente e variada, apta a unir elementos sociais, culturais e éticos ao conhecimento científico usual. O que demanda ultrapassar a transmissão de informações técnicas, fomentando espaços de formação preparando-os/as para lidar com a diversidade e a complexidade das realidades dos/as estudantes. A importância de repensar o ensino de química, conforme discutido por Fary, Rigue e Oliveira (2023), ressalta a relevância de abordar:

[...] questões sobre Educação das Relações Étnico Raciais, questões relacionadas a sexualidades, ao gênero, entre outros, que se propõem no repensar de uma Educação Química institucionalizada. Tais pesquisas são valorosas e proporcionam ecos no espaço com o qual procuram estabelecer ligações. Quando falamos de uma química menor, porém, pensamos sobre os conhecimentos relacionados à transformação das substâncias sem, necessariamente, tomar como referência uma base Química escolarizada (p. 17).

Quando se analisa a proposta de uma ‘química menor’ - aquela ligada aos conhecimentos práticos do dia a dia, que muitas vezes fogem das normas da química ensinada nas escolas - é fundamental ressaltar a importância de valorizar e reconhecer outras formas de saberes que não se encaixam no padrão educacional tradicional. Esse reconhecimento é essencial para fomentar uma educação mais equânime e ativa, que esteja em sintonia com os ambientes em que é aplicada.

Desse modo, tais ações convergem para capacitar educadores/as mais bem preparados/as para enfrentar os desafios atuais. Eles/as atuarão não somente como transmissores/as de conhecimento, mas também como facilitadores/as de um ensino que reconhece e valoriza as diversas realidades dos/as estudantes, promovendo uma educação que seja simultaneamente exigente e socialmente significativa. Isso colabora com o desenvolvimento de uma prática educacional que é atenta às diversidades e que busca, principalmente, a igualdade e a justiça social dentro e fora do ambiente escolar.

3-PERCURSO METODOLÓGICO

Este TCC interessa-se pela intersecção entre maternidade e formação inicial docente, por isso, cultiva a criação de estórias (Haraway, 2023) como movimento de pensamento e fabulação especulativa para dar relevo a situações que estão no entorno de ser mulher e mãe no âmbito da formação universitária.

A fabulação especulativa é admitida por Haraway (2023) como *Science Fiction* (SF), ou seja, “SF é prática e processo; é devir-com reciprocamente em retransmissões surpreendentes; é uma figura para a continuidade (...)” (p. 12). Como uma estratégia para se debruçar sobre algo que interessa, as estórias pensam-com pois “Importa quais pensamentos pensam pensamentos; importa quais estórias contam estórias” (Haraway, 2023, p. 77).

O devir é um estado de constante transformação e movimento. Quando aplicado à estórias (Haraway, 2023), esta concepção sugere que as fabulações são fluidas e possuem o poder de redesenhar ideias, concepções e admitidas como ‘intocáveis’.

O estudo de TCC de Daiane Paz (2024) enaltece que, ao se envolver com uma fabulação, o/a leitor/a pode ser levado/a a reavaliar suas próprias percepções e posturas políticas, abraçando novas formas de pensamento mais flexíveis e adaptáveis. Ao se identificar com o/a protagonista da estória, o/a leitor/a não só compreende melhor o enredo, mas também é levado/a a desenvolver empatia e, possivelmente, passar por uma transformação pessoal.

Uma estória, então, possui um recorte de ação política não convencional, fazendo-se necessário o/a leitor/a pôr-se no lugar do sujeito da estória para, assim, compreendê-la e transformá-la. Sendo assim, o cerne da estória se faz no campo do devir, ao qual reformula o convencional, a maneira comum de pensar politicamente. Outrossim, o devir traz o constante ser, a constante transformação que repele o estático, o pronto (Paz, 2024, p. 16).

Em uma estória que abraça o devir, não há lugar para certezas absolutas ou para uma visão imutável da realidade. Tudo está em constante movimento e metamorfose. Isso representa que a vida e as vivências humanas são constantemente influenciadas por novos conhecimentos, experiências e pensamentos. O devir, ao rejeitar o imutável, representa a constante transformação, tornando as estórias uma poderosa ferramenta para promover transformações sociais e pessoais.

A escrita ficcional é apresentada como um meio para estimular a presença, incentivar a transgressão e a experimentação, criando um ambiente educacional rico e transformador. Esse conceito desafia as práticas tradicionais e convida educadores/as e estudantes a participarem de uma jornada conjunta de descoberta e crescimento contínuo. Sob esse olhar, é sugerido que a

ficção, ao integrar aspectos da literatura, poesia e criação, tem o potencial de revitalizar e ampliar a natureza da prática científica, ultrapassando barreiras e restrições do saber científico, provenientes única e exclusivamente do norte global. Essa perspectiva valoriza a importância da imaginação e da inovação na investigação científica, questionando as fronteiras convencionais entre ciência e arte.

Conforme Rigue e Sales (2023), “Ficcionalizar é, assim, também arregimentar a literatura, a poética e o sensível. (...) A ficção, portanto, também maquina pesquisas que renovam o caráter científico, transgredindo fronteiras e limites do conhecimento (...)” (p. 301). Isso significa que a literatura e a poesia, ao estimularem os sentimentos, podem agregar valor à pesquisa científica - especialmente em educação - apresentando novas concepções e formas de compreensão que ultrapassam o racional e o empírico.

Tim Ingold (2015) afirma que “O ocupante ocupa uma posição em um mundo já pronto; o habitante contribui através da sua atividade para a contínua regeneração do mundo” (p. 247). Nesse sentido, a produção das histórias opera como prática para reinventar o mundo, aquilo que se vive no cotidiano e, muitas vezes, não permite que se possa regenerá-lo.

A noção de educação química menor (Fary; Rigue; Oliveira, 2023) permite que as histórias sejam criadas como horizonte para a transformação daquilo que se tem feito de nós em educação química. Isso porque as histórias não são meramente entretenimento; elas são ferramentas fundamentais para a formação docente.

[...] um chamado a experimentar a liberdade e a força do que acontece nos devires com tantos-e-tudo que nos encontramos, do que nasce e morre, do que constitui casulos, do que se movimenta nas/pelas/com as derivas. Eis um convite para cultivar a coragem de, ao aprendermos e nos formarmos, também experimentarmos a beleza, força e vulnerabilidade de existir, de mutar, de metamorfosear (Rigue; Sales; Dalmaso, 2024, p. 1493).

Fernanda Rigue e Tiago Sales (2024) sugerem uma reflexão sobre o poder das narrativas pessoais e a importância de revisitar o passado para inspirar a criatividade e o autoconhecimento – os memoriais. Ao olhar para trás, pode-se reconhecer as experiências que moldaram quem se é, entendendo como cada evento e decisão contribuiu para a trajetória de vida “[...] revisitar trajetos e narrar as nossas histórias é também nos embriagarmos com nossas marcas e com elas poder criar” (Rigue; Sales, 2024, p. 3).

As histórias têm a capacidade de despertar saberes que podem estar adormecidos ou subestimados. Isso evidencia a habilidade das narrativas em se conectar com saberes e percepções que, de outra maneira, poderiam permanecer latentes. Donna Haraway (2023) defende que:

[...] cada vez que uma estória me ajuda a lembrar de algo que achava que sabia, ou me apresenta a novos conhecimentos, um músculo fundamental para importar-se com o florescimento faz um pouco de exercício aeróbico. Esse tipo de exercício potencializa a complexidade do pensamento e do movimento coletivo (Haraway, 2023, p. 53).

Assim como o exercício físico fortalece o corpo, as estórias fortalecem a capacidade de empatia e de criação de inventividades que dizem de questões coletivas. Este movimento de fabulação especulativa aumenta a complexidade do pensamento, permitindo ao professor enxergar além de suas perspectivas limitadas e se envolver em ações coletivas mais eficazes e compassivas.

“Nossa aposta é pensar uma química minoritária” (Fary; Rigue; Oliveira, 2023, p. 15), em outras palavras, mobilizar uma pesquisa que valoriza e amplia visões e leituras de mundo que são muitas vezes ignoradas e/ou subestimadas no meio acadêmico científico. Um engajamento na promoção de uma diversidade metodológica de abordagens no campo da educação química. Uma ruptura com as convenções estabelecidas, permitindo o surgimento de abordagens inovadoras tanto no pensamento quanto na ação, as quais ainda não se encontram totalmente delineadas ou definidas.

Refletir sobre uma abordagem não convencional na educação química envolve questionar e desafiar o modelo atualmente predominante na área, que geralmente valoriza métodos ocidentais, centrados naquilo que é propagado/validado apenas por perspectivas fundadas nas ciências admitidas como exatas e/ou experimentais. Nesse contexto, a proposta de Haraway (2023) de abraçar uma “[...] profusão de estórias conturbadas (...)” (p. 70), como uma forma de adquirir conhecimento, torna-se particularmente relevante. Ela convida a reconhecer e apreciar a complexidade intrínseca à diversidade, com todas as suas contradições e dificuldades.

Em outras palavras, as diversas estórias entrelaçadas que espelham a diversidade do mundo precisam ser integradas às práticas de produção de conhecimento, pois são essas narrativas que capturam a verdadeira essência das realidades complexas e interligadas que se enfrenta na escola. Ao integrar essa diversidade nas estratégias de aprendizado, está-se não apenas enriquecendo a educação em química, mas também questionando os métodos unilaterais e homogêneos que dominam o campo, optando por uma visão mais ampla e equânime que valoriza a diversidade de opiniões, vivências e perspectivas.

Conceição Evaristo (2020), linguista e escritora brasileira, cunhou o conceito de ‘escrevivência’ para representar uma forma de escrita que vai além do aspecto estético, “[...] creio que conceber escrita e vivência, escrita e existência, é amalgamar vida e arte,

Escrevivência” (p. 32), um ato comprometido que surge a partir das experiências individuais e coletivas, principalmente das mulheres negras e de grupos excluídos. Assim como na área das Ciências da Natureza, em que é essencial considerar diversas visões para compreender plenamente a complexidade do mundo, a ‘escrevivência’ quebra com a visão convencional e majoritariamente cientificista de que a literatura deve ser distanciada da realidade, transformando a escrita em um meio de interação, protesto e luta.

De acordo com Evaristo (2020), sua obra literária não tem como intuito acalmar e/ou suavizar a consciência daqueles que desfrutam de privilégios, “[...] a nossa escrevivência não é para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonos injustos” (p. 31). Ao contrário, sua escrita é uma forma de protesto, uma maneira de instigar essas pessoas a reconhecerem as injustiças sociais. Essa perspectiva desafia a ideia convencional de arte que enxerga o texto como algo distante, propondo, ao contrário, uma literatura que é uma expressão viva e um ato de resistência. A ‘escrevivência’ utiliza o narrar como forma de reivindicar possíveis e, a partir da inspiração das histórias de Haraway (2023), neste trabalho a ‘escrevivência’ é impulso que também evidencia o que foi ignorado por muito tempo, buscando a ênfase nas mulheres-mães que habitam a formação docente.

A escrevivência, portanto, é um ato de resistência coletiva. Ela desafia as ideias tradicionais ao incluir um contexto social e político, reivindicando o direito de narrar - o que neste TCC encontra-se aliado à fabulação especulativa e à SF (Haraway, 2023) para pensar o maternar e seus múltiplos atravessamentos na formação no contemporâneo.

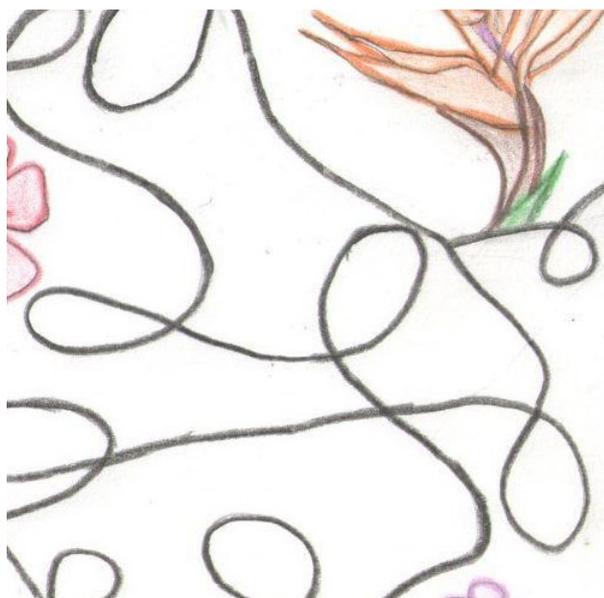
Cada uma das histórias tomou corpo a partir do desejo de dar a ver e pensar acerca de situações vividas-fabuladas-ficcionalizadas, em diferentes momentos e circunstâncias que estão entre o curso de formação de professores/as de Química.

4-ESTÓRIAS

A seguir encontram-se as estórias produzidas nesta monografia. Os títulos das estórias são: 4.1: A descoberta da gravidez e a evasão escolar; 4.2: Evadi: e agora?; 4.3: A rede de apoio; 4.4: Entre desistências e matrículas; 4.5: O suporte na Universidade; 4.6: Vivências na Universidade como mãe; 4.7: Tempo fora da escola e comprometimento como mãe; 4.8: Mulheres mães e determinação acadêmica; 4.9: O materno e suas tonalidades.

Cada uma das estórias busca mobilizar personagens inspirados em flores, que se destacam como os principais elementos, brotando e prosperando na mente de cada leitor e leitora. Com seu papel fundamental de gerar sementes e assegurar a perpetuação das plantas, as flores dimensionam a continuidade e a regeneração (Figura 2), garantindo a sobrevivência das espécies e, de forma figurada, das ideias que estimulam.

Figura 2: Caminhos tecidos.



Fonte: Autora (2024).

Desse modo, cada estória vinculada a uma noção e grafia de química menor⁵ (Fary; Rigue; Oliveira, 2023), abraça o ‘devir-com’ (Haraway, 2023), que é indispensável para construir futuros mais profícuos e justos, em que as diferenças são admitidas como potências e as conexões são reconhecidas como fundamentais para a existência. Cada estória apresentada não apenas fábula trajetórias-vidas-acontecimentos, mas também apresenta os desafios enfrentados por muitas mulheres-mães na academia, o que contribui para uma compreensão

⁵ O termo química será utilizado em minúsculo, considerando-a como um movimento minoritário de pensamento químico.

mais ampla e rizomática dos processos formativos e educacionais que acontecem nas Universidades.

4.1 A descoberta da gravidez e a evasão escolar

Florbela, então com 17 anos, residia em uma pequena cidade do interior do Brasil. Florbela era filha de pais separados, com uma base familiar tradicional e rígida. Sempre estudou em escola pública e suas habilidades e dedicação nas áreas de matemática e ciências chamaram a atenção de seus professores, que sempre a incentivaram a buscar mais conhecimento e a não desistir de seus sonhos. Apesar das dificuldades e da realidade distante de seus objetivos, Florbela sonhava em seguir uma carreira acadêmica.

Contudo, a descoberta da gravidez mudou completamente o rumo da sua vida. Florbela sabia que enfrentaria grandes desafios, mas tomou coragem e contou tudo para sua mãe. A notícia não foi bem recebida por sua família, e sua genitora a expulsou de casa em um ato de desespero e reprovação. Sem ter para onde ir, Florbela buscou refúgio na casa da avó, Dália, uma mulher sábia e compreensiva que sempre acreditou no potencial da neta.

Muitas foram as vezes em que ela se deparou com comentários negativos em relação à gravidez (entre familiares e amigos/as). Alguns diziam “Você acabou com a sua vida”, enquanto outros a acusavam de “colocar filho no mundo para sofrer”. Os julgamentos não paravam, “Ainda tão nova... devia estar aproveitando a juventude, e não cuidando de criança.” “O que você tem na cabeça? Não pensou no futuro?” “Você jogou fora todas as oportunidades que poderia ter.” Essas palavras duras e julgamentos constantes foram o combustível para a determinação de Florbela.

A rejeição familiar e social foi intensa. Ficar grávida na adolescência era motivo de vergonha e estigma. Florbela enfrentou críticas, julgamentos e comentários ofensivos, tanto de colegas quanto de familiares. Em muitos momentos ela se sentia isolada, afastada e incompreendida.

Em decorrência das dificuldades financeiras, o cansaço, o estresse emocional, o medo e a responsabilidade de cuidar do bebê levaram Florbela a abandonar os estudos - o 1º ano do Ensino Médio. Desistir da escola foi uma escolha difícil para ela, mas naquele momento não era possível pensar em outra alternativa.

O abandono foi inevitável. Florbela não queria, mas precisou evadir.

4.2 Evadi: e agora?

Estrelícia tornou-se mãe na adolescência e acabou evadindo do ambiente escolar que frequentava. Apesar do amor incondicional que carrega pela filha Amarílis, imagina que jamais conseguiu se dedicar por completo à criação da filha. Embora desejasse estar presente em todos os momentos, era necessário que Estrelícia trabalhasse para contribuir com algumas despesas da casa, já que a prioridade era garantir um certo bem-estar para Amarílis, um bem-estar que ela mesma jamais havia experimentado durante a infância.

Estrelícia prometeu para si mesmo que Amarílis não enfrentaria as mesmas privações, mesmo que isso significasse sacrificar seu tempo e presença. A vida com sua avó era simples e modesta, e muitas vezes faltava dinheiro para itens básicos. Em algumas ocasiões, Estrelícia se via limitada a duas refeições diárias, e as roupas eram sempre improvisadas, cedidas e quase sempre desajustadas. Luxos como celular, roupas da moda ou até mesmo uma refeição em um restaurante estavam fora de questão.

Estrelícia trabalhou até os nove meses de gravidez como empregada doméstica, morando com sua avó. Esse período foi extremamente desafiador, pois o trabalho era fisicamente exaustivo e às demandas do serviço doméstico muitas vezes a deixavam desgastada. No entanto, Estrelícia não se permitiu desistir. Ela sabia que precisava economizar o máximo possível para a chegada de seu bebê e para ajudar nas despesas da casa de sua avó.

Quando sua filha, Amarílis, completou oito meses de vida, a situação de Estrelícia começou a mudar. Ela e seu esposo, Narciso, conseguiram se mudar para uma casa construída e cedida pelo sogro de Estrelícia. A nova casa, embora simples, representava uma grande melhoria em suas vidas. Ter um lar próprio oferecia mais segurança e estabilidade, algo que Estrelícia sempre desejou para sua família.

Apesar das melhorias, a vida continuava a exigir sacrifícios. Estrelícia se dividia entre cuidar de Amarílis, trabalhar e organizar sua casa. Narciso, por sua vez, também trabalhava duro para sustentar a família e manter as despesas da casa. O apoio mútuo e o amor que compartilhavam ajudavam a enfrentar as dificuldades diárias.

O equilíbrio entre trabalho e maternidade era uma dança delicada e desgastante. As noites muitas vezes eram preenchidas com tarefas domésticas e singelos momentos de carinho e atenção entre elas - roubados aqui e ali. Amarílis era a maior e mais significativa fonte de felicidade e inspiração de Estrelícia.

Mesmo diante das dificuldades, o esposo de Estrelícia - Narciso - sempre a encorajou a retornar aos estudos para concluir o Ensino Médio. Contudo, isso não era possível, pois ele trabalhava à noite e cuidava de Amarílis durante o dia para que Estrelícia pudesse trabalhar.

Estrelícia e Narciso estabeleceram uma rotina que, embora difícil, permitia que ambos cuidassem de Amarílis e perseguissem seus objetivos. Narciso, sempre presente e solidário, ajudava com os cuidados da filha e, quando dava, ajudava nos afazeres domésticos. Nos finais de semana, a família passava o tempo juntos, aproveitando ao máximo os momentos de descanso e lazer.

Somente após dois anos é que Estrelícia conseguiu uma vaga na creche para Amarílis. Diariamente Estrelícia a deixava na creche às 7:30 horas e seguia para o trabalho. Às 17:00 horas Narciso a buscava. Gradualmente, Estrelícia passou a recuperar parte da sua independência, contudo, voltar aos estudos ainda parecia algo impossível e improvável.

Anos mais tarde, passadas muitas situações, aprendizagens e vivências, o governo vigente do país em que morava Estrelícia lançou um projeto voltado para estudantes que tinham evadido da escola - voltado para jovens e adultos. Estrelícia sentiu que havia chegado a grande oportunidade de concluir seus estudos. O projeto previa a conclusão do Ensino Médio em um ano e meio.

Enfim... Estrelícia agora pode voltar a sonhar.

4.3 A rede de apoio

A presença de uma rede de apoio é essencial para mães que precisam conciliar a maternidade com outras responsabilidades, como o trabalho e a formação acadêmica.

Bromélia, que foi mãe na adolescência, muitas vezes dependeu de familiares e amigos/as para cuidar da filha enquanto estudava no contexto da educação superior. No entanto, nem sempre havia alguém disponível ou disposto a ajudá-la.

Sem o suporte de apoio da família, muitas vezes se sentiu solitária e desamparada. A ausência de alguém para compartilhar os desafios diários e dar incentivos aumentava a sensação de insegurança de Bromélia para tomar decisões importantes. Trabalhar e cuidar de uma criança ocupava a maior parte do seu tempo, deixando pouco ou nenhum espaço para suas atividades acadêmicas.

Bromélia trabalhava como vendedora em uma loja de roupas e acessórios, no centro da cidade, enfrentava um ritmo extenuante. A exaustão física e emocional afetava seu

desempenho, resultando em atendimentos de má qualidade e baixa produtividade. Bromélia sentia o peso de suas responsabilidades: estudar, cuidar da filha, manter a casa e contribuir financeiramente.

A cada dia, Bromélia lutava para equilibrar todas essas demandas. Acordava cedo para preparar o café da manhã e organizar as coisas de sua filha antes de deixá-la na creche. Em seguida, ia para o trabalho, onde as longas horas em pé e o contato constante com clientes exigiam muito de sua energia e paciência. Muitas vezes, após um dia cansativo de trabalho, mal tinha forças para se dedicar aos estudos.

Apesar das dificuldades, Bromélia sabia que precisava continuar. Ela queria garantir um futuro melhor para sua filha e via na educação a chave para essa transformação. Mesmo que o cansaço muitas vezes a levasse às lágrimas, esforçava-se para encontrar momentos de estudo, muitas vezes sacrificando suas horas de sono.

A falta de apoio também se refletia em sua vida social. Bromélia não tinha tempo para encontros com amigos ou para atividades de lazer. Sua vida girava em torno do trabalho, das responsabilidades domésticas e dos estudos. A solidão pesava, mas ela se agarrava à esperança de que seus esforços seriam recompensados no futuro.

4.4 Entre desistências e matrículas

No ano de 2007, Camélia participou do seu primeiro processo seletivo para a educação superior. Ela sempre sonhou em obter um diploma de graduada. Felizmente, ela foi aprovada para o curso de Química Licenciatura. Os primeiros três semestres foram desafiadores, a junção das responsabilidades da maternidade e do trabalho começaram a se tornar muito pesadas. O cansaço físico e emocional aumentou, as prioridades se modificaram e a escassez de tempo para as atividades acadêmicas se tornou insuportável. Camélia, portanto, decidiu desistir do curso após frequentar três semestres. Isso a fez evadir com um sentimento de frustração e de decepção por não conseguir conciliar tudo.

Em 2014, Camélia resolveu tentar novamente e prestou o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), optando pelo curso de Pedagogia em uma IES pública. Mesmo determinada, a sobrecarga entre maternidade, trabalho e afazeres domésticos a fez desistir mais uma vez, agora no final do primeiro semestre. A rotina exaustiva a deixava sem energia para seguir com os

estudos, trazendo um sabor amargo de fracasso a cada desistência. Parecia que o sonho do diploma universitário sempre estava longe de se concretizar.

Em 2019, quando Jasmin, filha de Camélia, inscreveu-se para o Enem, imediatamente a convidou para prestar a seleção. Diferente das outras vezes, Camélia ponderou sobre a viabilidade de conseguir se manter no curso, questionando-se se os obstáculos habituais a fariam desistir no meio do caminho. Camélia decidiu se inscrever no último dia disponível. Realizou a prova do Enem e não obteve aprovação na primeira chamada. Contudo, na segunda chamada, Camélia foi selecionada para cursar Química Licenciatura. Em momento oportuno, Camélia realizou a matrícula e começou seus estudos. Ela e Jasmin iam juntas para a faculdade todos os dias, mesmo cursando áreas diferentes. Compartilhavam suas experiências e anseios, mantendo um vínculo muito forte. No término do segundo semestre, sua filha Jasmin decidiu interromper os estudos por não ser a área de sua preferência. No entanto, Camélia seguiu em frente.

Neste estágio, Camélia compreendeu que a permanência no curso também estava atrelada a percepção de que, aos 19 anos, sua filha Jasmin já não dependia tanto da sua presença intensa, como aconteceu anteriormente. Camélia, portanto, manteve-se estudando, dedicando-se em prol de um objetivo antigo.

4.5 O suporte na Universidade

Dentre tantas dificuldades enfrentadas por Violeta, mãe de Esponjinha, no ambiente de formação universitária, esteve a ausência de suporte e de compreensão de alguns professores/as. Em algumas situações, Violeta sentiu que seus esforços não eram reconhecidos/percebidos e que sua condição de mãe não era levada em consideração. Essa falta de compreensão pode gerar ainda mais estresse e dificultar o progresso acadêmico. Professores/as que não estão dispostos a oferecer flexibilidade ou apoio adicional podem tornar a jornada ainda mais difícil para mães estudantes.

Incentivos e apoios como: permitir que mães-estudantes tenham prazos maiores para entregar trabalhos e projetos. Oferecer a oportunidade de entregar tarefas com um pequeno atraso, sem punições. Além disso, disponibilizar as gravações das aulas para que possam ser assistidas em momentos mais convenientes e recursos didáticos online, como slides de apresentações, artigos e outras leituras.

Propor diferentes formas de avaliação, tais como projetos e/ou apresentações, em vez de apenas avaliações tradicionais - que inclui as provas. Implementar um sistema de avaliação contínua que permita avaliar o desempenho ao longo do tempo, ao invés de depender de poucas avaliações de grande relevância.

Oferecer uma certa flexibilidade nas políticas de frequência, considerando que emergências e responsabilidades familiares podem interferir na presença regular. Permitir a participação virtual em discussões e atividades de classe quando a presença física não for viável.

Muitas vezes Violeta sentia excluída e inferior aos/as outros/as estudantes; a insegurança e a sensação de não pertencimento frequentemente a acompanhavam. Violeta recorda de algumas frases que ouviu e o impacto que essas tiveram nela “Esse conteúdo vocês já viram no Ensino Médio, não vou explicar!”. Violeta ficava entristecida em meio a narrativas dessa tonalidade, que acabavam generalizando a experiência de aprendizagem dos/as estudantes. Sem falar que ela, estudante da modalidade EJA, tinha muitas dificuldades não sanadas provindas da educação básica.

Ao retornar para casa, Violeta dedicava seu tempo à leitura dos livros do Ensino Médio, a fim de assimilar o conteúdo necessário para acompanhar os estudos da graduação. Essa rotina tornou-se frequente, com diferentes professores/as. Cada crítica recebida abalava fortemente a sua confiança, porém também servia como um lembrete de que sua jornada era única, e que ela precisaria se esforçar ainda mais para alcançar seus objetivos.

Da mesma forma, Violeta enfrentou o medo e a vergonha de fazer perguntas na sala de aula. A insegurança era constante, e ela sentia que, ao levantar a mão, todos os olhares se voltariam para ela, criticando sua pergunta, o seu não saber. Em alguns momentos Violeta tinha o desejo de fazer perguntas que considerava importantes, mas se continha, temendo ser vista como menos capaz pelos/as colegas e pelos/as professores/as. Sentia que, por vir da EJA e não ter a mesma base de Ensino Médio/técnicos que muitos dos/as suas/seus colegas, suas perguntas poderiam ser consideradas banais e/ou irrelevantes. Esse sentimento de inadequação muitas vezes a impediu de buscar a assistência que de fato precisava.

Mesmo enfrentando esses obstáculos, Violeta não desanimou. O amor pela química e a vontade de garantir um futuro promissor para sua família foram seu impulso para seguir em frente. Mesmo diante de situações desafiadoras, ela buscou cultivar diferentes formas de se ajustar/adequar: construiu parcerias com colegas que a auxiliaram na compreensão dos temas e buscou suporte externo sempre que foi preciso.

Com o passar do tempo, Violeta adquiriu maior habilidade para lidar com a sensação de não pertencimento. Percebeu que sua vivência externa ao ambiente universitário proporcionava uma visão singular, e que isso poderia (em algum momento) ser algo positivo. Começou a enxergar sua trajetória acadêmica não só como um conjunto de desafios, mas como uma oportunidade de evolução e autoconhecimento.

4.6 Vivências na Universidade como mãe

Hortênsia, estudante de licenciatura, não conseguiu desfrutar/participar praticamente de nada que a faculdade disponibiliza/oferece. As diversas atividades acadêmicas, eventos e oportunidades que surgiam ao longo do curso sempre pareciam estar fora das suas possibilidades, seja por falta de tempo, recursos ou simplesmente pelo constante sentimento de que não pertencia àquele ambiente - de que não era capaz. Isso resultou em uma vivência universitária extremamente limitada à frequência nas aulas e à sensação de que muito ficou por viver e experimentar ao longo dos anos acadêmicos.

Nas atividades extracurriculares ou eventos sociais da faculdade, Hortênsia nunca podia participar, por não haver flexibilidade de horário. Certo dia, ao caminhar pelo campus, Hortênsia observava cartazes coloridos expostos no mural. Um chamou sua atenção, era um anúncio para um workshop sobre o empoderamento feminino na ciência, algo que ela sempre quis explorar, mas nunca pensou que teria a oportunidade. Curiosa, parou para conferir os detalhes do evento. Estava sendo oferecido na parte da manhã, sem nenhuma outra opção de horário.

Hortênsia nunca foi convidada para participar de Iniciação Científica (IC), pesquisa ou qualquer outro evento em que tivesse de se dedicar integralmente. Seu status de mãe e trabalhadora muitas vezes a colocava em desvantagem, especialmente em matérias práticas como de laboratório. Ela se recorda com frequência de uma aula de laboratório ministrada no curso, na qual o docente interagiu com maior intensidade com os/as estudantes que tinham finalizado o Ensino Médio integrado com técnico em Química – e, portanto, possuíam um pouco mais de bagagem com a Química do que aqueles/as que haviam frequentado o Ensino Médio Regular. Hortênsia e outros/as colegas que não haviam concluído curso técnico em química e, portanto, não se encaixavam nesse perfil, se sentiam, em alguns momentos, excluídos/as e inadequados/as.

Decidida a não deixar que aquela experiência a desmotivasse, Hortênsia procurou o docente para expor suas dificuldades e limitações, salientando que outros/as estudantes também

enfrentavam dificuldades semelhantes. Durante a conversa, explicou como suas responsabilidades como mãe, trabalhadora e vindo da EJA afetavam sua capacidade de participar de forma completa e ativa das aulas.

O docente, ao ouvir atentamente, percebeu a diversidade de experiências e necessidades dos/as estudantes em sua turma. Comprometido em fazer uma mudança positiva, começou a pesquisar métodos de ensino, procurando compreender e valorizar as múltiplas experiências dos/as estudantes, incluindo mães, trabalhadores/as e aqueles/as com diferentes formações educacionais.

Hortênsia teve diversas experiências ruins, muitas delas ligadas à precariedade na conclusão do Ensino Médio e à falta de tempo para se dedicar exclusivamente aos estudos. Contudo, também teve a chance de dialogar e metamorfosear as relações e práticas junto de colegas e docentes que habitavam o ambiente universitário e desejavam transformá-lo para melhor.

4.7 Tempo fora da escola e comprometimento como mãe

Ao ingressar na Universidade, aos 37 anos de idade, Escabiosa enfrentou diversas situações desafiadoras, mas também momentos de crescimento e de aprendizado.

Teve uma experiência bastante distinta daquela vivenciada por estudantes que estavam terminando o Ensino Médio. A sua motivação era clara e forte. Ela sabia o motivo pelo qual estava ali e tinha objetivos explícitos: melhorar sua qualificação profissional, conquistar independência financeira e realizar um sonho pessoal.

Além de estudante, ela continuava mãe, trabalhadora e dona de casa. Sua agenda era apertada e exigia uma administração de tempo rigorosa. Trazia uma vasta experiência de vida, o que lhe conferia uma perspectiva diferente sobre os estudos e os desafios que enfrentava. Essa maturidade a ajudava a lidar com as adversidades de um modo distinto, considerando tudo que já havia enfrentado ao longo da vida.

Escabiosa teve que aprender a equilibrar suas responsabilidades pessoais, profissionais e acadêmicas. Estudar à noite, nos intervalos do trabalho e nos fins de semana se tornaram uma rotina.

As tecnologias digitais usadas na educação haviam mudado muito desde a última vez que Escabiosa frequentara a escola. Ela teve que se adaptar a novas plataformas de

aprendizagem *online*, software de edição, ferramentas de pesquisa e outros recursos digitais desconhecidos para ela.

No início, Escabiosa sentiu-se isolada entre os/as colegas mais jovens. Entretanto, ao compartilhar suas vivências e se envolver em grupos de estudo e atividades na Universidade, conseguiu criar laços e conquistar admiração.

O comprometimento era um elemento essencial na jornada de Escabiosa. Mesmo quando as coisas estavam difíceis, ela se concentrava nos objetivos a longo prazo. Dedicou-se com afinco às suas aulas e tarefas, muitas vezes sacrificando seu tempo de descanso para estudar e se preparar. Nesse processo houve momentos de desânimo, especialmente quando as notas não eram boas. A experiência de ser mãe e estudante ao mesmo tempo preparou Escabiosa não somente para a vida acadêmica, mas também a fortaleceu pessoalmente, mostrando que é possível alcançar os objetivos, independentemente das circunstâncias.

4.8 Mulheres mães e determinação acadêmica

Desde o começo, Margarida sempre teve a convicção de que seguiria estudando, mesmo depois de ter se casado e se tornado mãe. Aos 23 anos, já casada e mãe de um menino de dois anos, finalmente conseguiu ingressar como estudante na faculdade. Seu filho mais velho, Lupino, já estava na escola, o que permitiu que Margarida se dedicasse aos estudos. No entanto, após o terceiro semestre, aconteceu algo inesperado: Margarida descobriu que estava grávida mais uma vez. O nascimento de sua filha, Ciclame, trouxe muita alegria e, com ela, uma mudança total em sua rotina.

Determinada a persistir em seus objetivos, Margarida teve o auxílio de uma colega da Universidade, Magnólia, que prontamente se dispôs a levá-la, junto com a pequena Ciclame, todos os dias nas aulas. Ao frequentar os encontros pedagógicos, Margarida deparou-se com um ambiente acolhedor e solidário. Tanto os/as professores/as quanto os/as colegas compreenderam a situação e ofereceram todo o apoio necessário. Não houve nenhum obstáculo por parte dos/as docentes; pelo contrário, todos/as a apoiaram de forma excepcional.

Ciclame, com sua aura encantadora, logo conquistou a simpatia de todos/as. Margarida sempre levava o bebê-conforto nas aulas, o que garantia a tranquilidade de Ciclame. Quando necessário, Margarida a pegava no colo, e os/as colegas se prontificavam em ajudar. O momento da amamentação era muito especial, e Margarida alimentava Ciclame na sala de aula

com total naturalidade, sendo acolhida por meio de olhares solidários e carinhosos dos/as colegas de curso.

Por um semestre inteiro, essa sequência de eventos permaneceu inalterada. Ciclame, sempre presente nas aulas, era um lembrete constante da determinação de Margarida. Após o período de seis meses, Ciclame começou a frequentar uma creche, o que modificou a rotina. Margarida continuou dedicada às aulas de manhã e iniciou o estágio obrigatório do curso à tarde. A agenda ficou mais apertada, contudo, Margarida nunca se sentiu desamparada.

A família de Margarida também desempenhou um papel crucial. Seus genitores e seu esposo estavam sempre dispostos a ajudar, seja cuidando de Lupino e Ciclame ou fornecendo suporte emocional. Com a união de todos, Margarida conseguiu equilibrar os obstáculos da maternidade e da vida acadêmica.

Cada dia era um novo triunfo. Margarida prosseguiu em frente, mostrando que, com determinação e apoio, era possível conciliar sonhos e responsabilidades. Ela se tornou uma inspiração para muitos/as ao seu redor, uma prova viva de que a maternidade não é um obstáculo, mas sim uma força motriz para alcançar o impossível.

É possível habitar a Universidade como mulher-mãe-estudante. Este território também é nosso. Contudo, é preciso de uma comunidade interessada e preocupada com a permanência, o cuidado e a atenção.

4.9 O materno e suas tonalidades

Begônia estava empolgada ao iniciar a redação de sua monografia. Após longos meses de estudo e empenho, ela havia produzido uma parte significativa do texto, que incluía uma introdução consistente e uma base teórica sólida. Cada frase inserida representava o empenho e a abdicção que Begônia fez para equilibrar suas tarefas acadêmicas com as demandas da casa e da maternidade. Porém, em uma tarde que aparentava ser somente mais um dia rotineiro, uma mudança inesperada ocorreu. Enquanto Begônia estava concentrada diante do computador, seu filho Lisianto, que sempre gostava de explorar o ambiente ao redor, brincava distraído próximo à mesa. Em um momento de descuido, Lisianto acabou derrubando o computador, e o impacto resultou em um dano irreparável ao aparelho. Begônia ficou paralisada ao perceber que todo o avanço conquistado na monografia se perdera de maneira irrecuperável.

Begônia viu-se diante de uma situação de grande desalento e desânimo. Reconstruir tudo do zero se mostrava uma missão muito difícil, principalmente porque grande parte das

fontes e recursos que eram essenciais para o seu trabalho não estavam mais disponíveis. A redação se tornou um processo penoso; Begônia sempre percebia que havia lacuna. A desmotivação a cercou, e as responsabilidades cotidianas de zelar pela casa e atender às necessidades da família dificultavam a manutenção do ritmo necessário para progredir.

O progresso no trabalho era notado, porém de maneira bastante arrastada. Logo quando Begônia vislumbrava a oportunidade de retomar o controle, um imprevisto surgiu: a paralisação na Universidade começou. O adiamento na finalização do curso se mostrava iminente, e Begônia sentia o fardo das circunstâncias se tornando ainda mais pesado sobre seus ombros.

Com determinação e uma garra impressionante, Begônia persistiu. Três anos além do final previsto do curso, enquanto seus/suas colegas já estavam inseridos/as no mercado de trabalho e/ou se aprimorando profissionalmente, ela finalmente conseguiu apresentar seu Trabalho de Conclusão de Curso. O percurso foi árduo e repleto de desafios, mas ela conseguiu.

Figura 3: Fios que entrelaçam e seus desdobramentos.



Fonte: Autora (2024).

5-TECENDO CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este TCC atentou para a intersecção entre a maternidade e a formação inicial de professores/as de Química, destacando os obstáculos enfrentados por mulheres que equilibram estes aspectos significativos de suas vidas e as estratégias utilizadas para conciliar as responsabilidades da formação superior. O debruçar sobre a tríade: maternidade, ensino superior e os compromissos profissionais e familiares é uma realidade enfrentada por diversas mulheres e que, portanto, merece atenção e cuidado.

Ao longo da fundamentação teórica foi possível dar relevo à urgência em adotar medidas públicas e institucionais que possam identificar e reduzir os obstáculos enfrentados por mulheres que são mães no ambiente acadêmico. A inexistência de creches nas Universidades, como é o caso da realidade da UFU Campus Pontal, a falta de bolsas de pesquisa específicas para mães e a escassez de suporte social são elementos que contribuem para a evasão, exclusão e para a queda no desempenho acadêmico dessas mulheres. Reconhecer tais desafios é o primeiro passo para projetar e efetivar soluções efetivas.

A literatura aponta que mães que estudam vivem com uma permanente sensação de culpa e cansaço, agravados pela pressão de conciliar os compromissos acadêmicos com as necessidades dos filhos e das filhas. O acúmulo de responsabilidades afeta de maneira negativa não apenas a saúde mental e física dessas mulheres, mas também o seu desempenho acadêmico e profissional. Estratégias pessoais de gestão do tempo e o suporte informal de parentes e amigos/as são essenciais, porém não são suficientes para lidar com as questões estruturais subjacentes. Logo, este estudo aponta para a importância desta questão ser tratada de modo coletivo (envolvendo os diferentes agentes sociais) e não individualizando as mulheres.

Nesse sentido, a monografia sugere medidas de acolhimento e suporte, com o intuito de cultivar um ambiente acadêmico mais equânime e justo. Isso envolve a criação de creches nos diferentes campus universitários, a disponibilização de bolsas e auxílios financeiros específicos para mães estudantes e a implementação de locais de apoio e diálogo. Ademais, é fundamental que a sociedade como um todo reconheça e respeite o papel das mães - rachando as crenças patriarcais, compartilhando de forma mais equânime as responsabilidades de cuidado.

Da mesma forma, o estudo da monografia ressalta, ainda, a relevância da iniciativa *Parent in Science*, que se empenha em incentivar a participação de mães e pais no meio acadêmico, salientando que ações desse tipo são fundamentais para combater a discriminação e o assédio contra mães que atuam como pesquisadoras. Por meio de políticas institucionais e

da consideração dos obstáculos específicos enfrentados por mães que estão estudando, é viável criar um ambiente acadêmico que favoreça o desenvolvimento pleno de todas as mulheres.

As histórias (Haraway, 2023) permitiram expandir o exercício de escrita criativa, além de ampliar discursos e reflexões científicas que tragam aquilo que se passa no mundo para o centro da investigação na educação científica. A fabulação científica e ficcional - escreviente - pode ser uma ferramenta poderosa para derrubar barreiras e promover uma visão mais ampla e mundificada daquilo que se vive no cotidiano. Ao compreender que a ciência educacional encontra sua potência nas relações que se estabelecem no/com o mundo, a monografia da vozes e perspectivas que geralmente são deixadas de lado e/ou ignoradas em um cenário científico marcado pelo patriarcado. Criar histórias (Haraway, 2023) a partir de situações vividas por mulheres e mães na Universidade é uma aposta ética, estética e política deste estudo, já que se entende que é a partir dessa enunciação que se encurtam as distâncias, os desafios e os preconceitos que dificultam o exercício de ciências e de formações equânimes e que valorizem, de fato, as diferenças e as diversidades interseccionadas no ambiente acadêmico.

É importante destacar que as vivências da maternidade e da formação de professores/as podem apresentar grandes diferenças em variadas realidades culturais e sociais. A amplitude desse assunto pode resultar em desvios e na dispersão da questão principal. Manter a coerência pode se tornar desafiador ao lidar com diversas abordagens teóricas. Contudo, tais restrições proporcionam oportunidades para ampliar e intensificar a percepção sobre a maternidade no contexto acadêmico.

Reconhece-se a importância da construção de redes colaborativas no ambiente universitário que de fato celebrem e respeitem o materno. É fundamental implementar iniciativas que valorizem e apoiem a maternidade, promovendo um ensino superior que seja verdadeiramente equitativo. Compreender e agir coletivamente e efetivamente acerca dessa temática torna-se importante para construir uma sociedade mais justa, em que todos os corpos femininos e também maternos tenham a oportunidade de se desenvolver plenamente em todas as áreas de suas vidas.

Outrossim, é evidente que a noção de dedicação e de persistência na trajetória acadêmica é frequentemente influenciada por uma ótica masculina que não leva em consideração as vivências e os obstáculos específicos enfrentados pelas mulheres, sobretudo por aquelas que são mães. Questionar o significado de 'fibra' também implica problematizar a maneira como as entidades educacionais definem e avaliam o engajamento e a habilidade, muitas vezes ligadas a expectativas de tempo, esforço e desempenho que só são possíveis para aqueles

historicamente naturalizados como ‘sem obrigações familiares’. Portanto, para criar um ambiente acadêmico mais justo e equânime, é necessário reconhecer e apreciar as diversas modulações e formas de envolvimento e contribuição que as cientistas mulheres, especialmente as mulheres-mães, trazem para a área acadêmica.

Adicionalmente, essa visão desfavorável invisibiliza o fato de que o abandono da área acadêmica muitas vezes está ligado ao próprio *modus operandi* do dispositivo formativo que não consegue garantir condições equitativas para todos os corpos. Ao negligenciar os desafios de conciliar a Universidade, o trabalho e a vida pessoal, principalmente em um ambiente que não oferece o suporte adequado - como creches, flexibilidade de horários, ou mesmo um reconhecimento da sobrecarga mental adicional - a academia perpetua a exclusão e marginalização das mulheres que são mães.

Sendo assim, faz-se necessário rachar a noção de ‘ter fibra’ que ainda tem sido perpetuada no âmbito acadêmico (Stengers, 2023), com vistas a estabelecer espaços de atenção na formação docente para com mulheres que são mães. Tensionar as estruturas patriarcais na produção e disseminação do conhecimento científico na Universidade, principalmente na formação de professores e professoras, é um horizonte indispensável para tornar os espaços formativos cada vez mais equânimes e justos - para todos e todas - em um trabalho de coletividade.

Portanto, esse trabalho aponta para a potência de ampliar o conhecimento e aprofundar a compreensão sobre como é ser estudante-mãe na Universidade, inclusive abre vias para a urgência de continuar tecendo investigações acerca desse tema no contemporâneo.

6-REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Eliane; MÜLLER, Mônica; HOGEMANN, Edna. A produção científica e a maternidade sob a ótica epistemológica da objetividade forte. **Plurais - Revista Multidisciplinar**, Salvador, v. 7, p. 1-19, 17 nov. 2022. Plurais - Revista Disciplinar. <http://dx.doi.org/10.29378/plurais.2447-9373.2022.v7.n.13908>. Acesso em 22 mai. 2024.
- ARTAUD, Antonin. **Van Gogh**. O suicidado da sociedade. Rio de Janeiro, José Olímpio, 2004 [Tradução: Ferreira Goulart].
- BIANCHINI, Thalia Vielmo.; MENEZES, Kamila Espinosa.; RIBEIRO, Izaque Machado. (Re)pensando a educação: Expandindo territorialidades, olhares e caminhos possíveis. In: RIGUE, Fernanda Monteiro. **Rizomas em Educação**. Veranópolis: Diálogo Freiriano, 2021. p. 213-229.
- BRASIL, Universidade Federal de Uberlândia, **Projeto Pedagógico do Curso de Graduação em Química**: Licenciatura Noturno, Ituiutaba, 2018. Disponível em: <https://www.icenp.ufu.br/graduacao/quimica/projeto-pedagogico>. Acesso em: 23 jul. 2024.
- CAMILO, Bruna. Patriarcado e teoria feminista: possibilidades na ciência política. **Dissertação (Mestrado)** - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2019, 114 f.
- CARVALHO, Regiany Alvea. Muro das Palpitações: um manifesto de mães universitárias. 2020. 50 f. **Dissertação (Mestrado em Educação)** - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2020. DOI <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2020.194>
- COUTINHO, Elsimar. **Menstruação, a sangria inútil**. São Paulo, Editora Gente, 1996, 6º edição.
- EVANGELISTA Lyege. Conheça os auxílios ofertados pela UFU para as mães universitárias. **Comunica UFU**: Portal de Notícias da UFU, 2023. Disponível em: <https://comunica.ufu.br/noticias/2023/05/conheca-os-auxilios-ofertados-pela-ufu-para-maes-universitarias>, Acesso em: 26 jul. 2024.
- EVARISTO, Conceição. A Escrivivência e seus subtextos, In: DUARTE, Constância Lima, NUNES, Isabella Rosado. **Escrivivência: a escrita de nós - reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**, Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 26-47.
- FARY, Bruna Adriane; RIGUE, Fernanda Monteiro; OLIVEIRA, Roberto Dalmo Varallo Lima de. Rastros de uma educação química menor. **ClimaCom – Ciência.Vida.Educação** [online], Campinas, ano 10, n. 24, mai. 2023. Disponível em: <https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/rastros-de-uma-educacao-quimica-menor/>, Acesso em: 20 jun. 2024.
- FRAGA, Bibiana Pereira de. Depressão na Infância: Uma revisão da literatura. 2015. 39f. **Monografia (Especialista em Psicologia)**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2015.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GENEBRA. OMS. 2022. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/30-3-2022-oms-pede-atencao-qualidade-para-mulheres-e-recem-nascidos-nas-primeiras-semanas> , Acesso em: 13 jun. 2024.

GOMES, Beatriz de Azevedo; SIQUEIRA, Vera Helena Ferraz de, Questões de Gênero na Carreira de Professoras Universitárias na Área das Ciências Biomédicas. **Diásporas, Diversidades, Deslocamentos**, Rio de Janeiro, p. 1-7, ago. 2010. Disponível em: http://www.fg2010.wwc2017.eventos.dype.com.br/simposio/view?ID_SIMPOSIO=235 , Acesso em: 15 jul. 2024.

GROSGOUEL, Ramón. Descolonizar as esquerdas ocidentalizadas: para além das esquerdas eurocêntricas rumo a uma esquerda transmoderna descolonial. **Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar**. São Carlos, v. 2, n. 2, jul-dez 2012, pp. 337-362. Disponível em: <https://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/86>, Acesso em: 01 agos. 2024.

HAMPE, Fernanda. Sejamos tod@s feministas: interseccionalidade, educação e direitos humanos; In: SILVA, Fabiane Ferreira da; BONETTI, Alinne de Lima. **Gênero, interseccionalidades e feminismos: desafios contemporâneos para a Educação**, São Leopoldo: Oikos, 2016. p. 17-32.

HARAWAY, Donna. **Ficar com o problema: fazer parentes no chthluceno**. São Paulo: n-1 edições. 2023.

INGOLD, Tim. **Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição**. Petrópolis: Vozes, 2015.

LANA, Lígia Campos de Cerqueira. Personagens públicas na mídia, personagens públicas em nós: experiências contemporâneas nas trajetórias de Gisele Bündchen e Luciana Gimenez. **Tese** (Doutorado em Comunicação). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

LEITE, Ana Cecília Figueirêdo; ALVES, Francione Charapa . Trabalho, maternidade e permanência no Ensino Superior. **Ensino em Perspectivas**, [S. l.], v. 3, n. 1, p. 1–15, 2022. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/view/8801>, Acesso em: 29 jul. 2024.

MENEGHEL, Stela Nazareth. Será a Universidade imune às discriminações sociais? **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 23, p. e190577, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/vhkJRjQcfpVZfgPgJ83KpyL/?format=pdf&lang=pt>, Acesso em 02 agos. 2024.

PATMAN, Carole. **O contrato sexual**. Trad. Marta Avancini. São Paulo: Paz e Terra, 1993.

PAZ, Daiane Suelen Alves da. Estórias de uma trabalhadora e futura professora de Química. 2024. 46 f. **Trabalho de Conclusão de Curso** (Graduação em Química Licenciatura) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2024.

PINTO, Tatiane Nobre, *et al.* **Parent in Science**. 2022. Disponível em: www.parentinscience.com/_files/ugd/0b341b_06b90b8b2e374dd09f98e6b06e28c384.pdf
Acesso em: 22 jun. 2024.

RIGUE, Fernanda Monteiro; FELTRIN, Tascieli; SALES, Tiago Amaral. A potência do seminário na formação inicial de professores/as. **Revista Artes de Educar**. Rio de Janeiro, V. 10, Edição Especial, julho de 2024, p. 186-206.

RIGUE, Fernanda Monteiro. O acesso ao corpo mínimo e os processos educacionais: tomos-vacúolos de uma escrita-oficina. In: RIGUE, Fernanda Monteiro. **Rizomas em Educação**. Veranópolis: Diálogo Freiriano, 2021. p. 13-28.

RIGUE, Fernanda Monteiro; SALES, Tiago Amaral. Cartas-conselhos para um devir-educador/a. **Perspectivas em Diálogo: Revista de Educação e Sociedade**, v. 10, n. 24, p. 294-310, 16 nov. 2023. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.55028/pdres.v10i24.17659>. Acesso em: 04 jun. 2024.

RIGUE, Fernanda Monteiro.; DALMASO, Alice Copetti; RAMOS, Maria Rosângela Silveira. A potência do Portfólio na Formação Docente em Química: um relato narrativo autobiográfico. **Revista Insignare Scientia - RIS**, v. 4, n. 1, p. 151-167, 19 fev. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.36661/2595-4520.2021v4i1.11759>, Acesso em: 07 jun. 2024

RIGUE, Fernanda Monteiro; SALES, Tiago Amaral. Encontros e histórias de vidas de professores/as formadores/as de professores/as de Ciências Naturais. **Revista Areté | Revista Amazônica de Ensino de Ciências**, [S.l.], v. 23, n. 37, p. e24016, jul. 2024. ISSN 1984-7505. Disponível em: <<https://periodicos.uea.edu.br/index.php/arete/article/view/3719>>. Acesso em: 18 jul. 2024. doi: <https://doi.org/10.59666/Arete.1984-7505.v23.n37.3719>.

RIGUE, Fernanda Monteiro.; SALES, Tiago Amaral; DALMASO, Alice Copetti. Metaformoses em Emanuele Coccia: composições para habitar a educação e a formação docente. **Educação e Filosofia**, Uberlândia, v. 37, n. 81, p. 1465–1496, 2024. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/64408>, Acesso em: 04 jun. 2024

ROSEMBERG, Fúlvia; MADSEN, Nina. Educação formal, mulheres e gênero no Brasil contemporâneo. In: PITANGUY, Jacqueline; BARSTED, Leila Linhares. (Org.). **O progresso das mulheres no Brasil, 2003-2010**. Rio de Janeiro: CEPIA; Brasília: ONU Mulheres, 2011. p. 390-434.

ROQUE, Tatiana. Do que falamos quando pedimos mais igualdade de gênero? In: OLIVEIRA, L.; ROQUE, T. (Org.). **Mulheres na Ciência: O que mudou e o que ainda precisamos mudar**. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2024, p. 14-62.

ROQUE, Tatiana. Entrevista com a economista e professora Hildete Pereira de Melo. In: OLIVEIRA, Leticia; ROQUE, Tatiana (Org.). **Mulheres na Ciência: O que mudou e o que ainda precisamos mudar**. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2024, p. 09-13.

SALES, Tiago Amaral; RIGUE, Fernanda Monteiro; DALMASO, Alice Copetti.; Modos de Habitar o Mundo: uma educação em ciências com/em meio à/pela vida. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 48, e124171, 2023. Disponível em:

http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0100-31432023000100403&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 04 jun. 2024

SANTANA, Carolina Queiroz; PEREIRA, Letícia dos Santos, O caso Alice Ball: uma proposta interseccional para o ensino de química. **Química Nova na Escola**, S.P, v. 43, n. 4, p. 380-389, nov. 2021. Mensal. Sociedade Brasileira de Química (SBQ). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.21577/0104-8899.20160246>. Acesso em: 25 jul. 2024.

SANTOS, Luana de Paula. Entre os textos, as fraldas e os contextos: o (não) lugar da maternidade no contexto universitário. In: SUZUKI, Júlio César; CASTRO, Rita de Cássia Marques Lima de; SOARES, Alessandra Garcia (Orgs). **Mães cientistas: relatos de experiências e reflexões teórico-metodológicas**. São Paulo: FFLCH/USP-PROLAM/USP, 2023, p. 36-53.

SANTOS, Claudia Conceição de Souza; CORDEIRO, Ana Luisa Alves; Maternidade e Formação Docente: Fatores Interferentes na Permanência de Discentes Mães na Educação Superior. In: **Anais Principais do Seminários de Educação (SEMIEDU)**, 29, 2021, Cuiabá. Anais [...]. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação, 2021, p. 1775-1788. ISSN 2447-8776.

SILVA, Lorena Kemily Vieira da. *et al.* Alteração hormonal no período reprodutivo; **16º Seminário de Pesquisa/Seminário de iniciação científica-UNIANDRADE**, 2018; p. 24-26. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/82fd/498dacf45f94c0305aecb61bc60d87a6a8e7.pdf>, Acesso em: 22 jun. 2024.

SILVA, Kenia Cristina Moura de Oliveira; MESQUITA, Nyuara Araújo da Silva; Práxis e Identidade Docente: Entrelaces no Contexto da Formação pela Pesquisa na Licenciatura em Química; **Química nova na escola** – São Paulo-SP, BR. Vol. 40, Nº 1, p. 44-52, Fevereiro 2018. Disponível em: http://qnesc.sbq.org.br/online/qnesc40_1/08-EQF-94-16.pdf. Acesso em: 26 jul. 2024

SOUZA, Marcela Ingrid Mendes; DORNELAS, Myriam Angélica; BARBOSA, Rosemary Pereira Costa. Maternidade e vida acadêmica: o caso da jornada feminina de estudantes de uma instituição de ensino federal. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v. 9, n.6, p. 18927-18948, jun., 2023. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/60375>, Acesso em: 21 jun 2024.

SOUZA, Regis Glauciane Santos de; Gênero e mulheres nas Universidades: um estudo de caso na UFBA; **Dissertação** (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, 2014.

SCHWENGBER, Maria Simone Vione; MEYER, Dagmar Estermann. Discursos que (con)formam corpos grávidos: da medicina à Educação Física. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 36, p. 283-314, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/mYVvxPVqprXGX6PbxkczqJG/?lang=pt>. Acesso em: 30 ago. 2024.

STENGERS, Isabelle. **Uma outra ciência é possível**: manifesto por uma desaceleração das ciências. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2023, 216 p.

TEODORO, Paulo Vitor; RIGUE, Fernanda Monteiro; TEIXEIRA JÚNIOR, José Gonçalves. Recursos didáticos no ensino de química: concepções na formação inicial de professores/as. **Revista Insignare Scientia - RIS**, v. 6, n. 6, p. 570-587, 27 dez. 2023. Disponível em: <https://periodicos.uffs.edu.br/index.php/RIS/article/view/13626>. Acesso em: 05 jul. 2024.

VIEIRA, Lucas Gabriel; MARTINS, Géssica Faria. Fisiologia da mama e papel dos hormônios na lactação. **Revista Brasileira de Ciências da Vida**, v. 6, n. Especial, 2018, p. 1-6. Disponível em: <http://jornalold.faculadecienciasdavidacom.br/index.php/RBCV/article/view/762>, Acesso em: 24 jul. 2024.